BREVE NOTICIA DE SINES.

BREVE NOTICIA

DE

SINES,

PATRIA DE

VASCO DA GAMA,

POR

FRANCISCO LUIZ LOPES.

L. Motta

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DO PANORAMA.

1850.

PREFACIO.



STE folheto, cuja insufficiencia a todos os respeitos, ninguem conhece melhor do que eu, não é um ensaio historico ou statistico — é uma simples noticia — é o *vult et non vult piger.*

Com mais meios materiaes e intellectuaes, os meus collegas poderão fazer, e bem, em todo o Reino, o que eu neste canto esbocei, e mal

Isto é um incentivo.

O meu primeiro e unico fim foi mostrar que Vasco da Gama era natural de Sines.

A 2.ª parte foi feita para servir de contrapeso á pequenhez da 1.ª

De que ambas porem se resentem, sei eu melhor do que o leitor...., cuja indulgencia não captarei com lisongearias.

Sines, 31 de Dezembro de 1849.

Francisco Luiz Lopes.

PARTE PRIMEIRA.

SINES,

OU

A PATRIA

DE

VASCO DA GAMA.


anha o dilatado Oceano a parte mais occidental da Provincia do Alemtejo, que estende a sua costa desde o isthmo, ou peninsula de Troia, que faz a barra, ou garganta da nobilissima e populosa Villa de Setubal, minha Patria, até ao Cabo de S. Vicente, ou Promontorio Sacro, tão decantado dos antigos, como celebre neste Reino por guardar tantos seculos occultas as milagrosas reliquias do glorioso corpo do Martyr S. Vicente, da mesma sorte que estiverão encubertas as do prodigioso S. Torpes em Sines. Corre a costa do norte ao sul, e daquelle isthmo até ao pequeno rio de Odeseixas, que divide a mesma Provincia do Reino do Algarve, haverá 25 legoas que se dilatão em praias, bahias, rochedos, restingas e cabos. No meio desta mesma distancia está a antiga e celebre Villa de Sines, que, ainda que não tenha muita antiguidade no seu foral, pois lhe foi dado por ElRei Dom Manoel em o 1.º de Julho de 1512, com tudo pelo que os historiadores a celebrão pela ad-

miravel trasladação do corpo do bem aventurado S. Torpes, e inscripções antigas, que nella se achárão no tempo dos Romanos, tem mais de 2000 annos de sua fundação (1). Está bem assentada em logar imminente ao mar, que forma uma bahia em semicirculo, que olha ao sul, com bom fundo, onde podem ancorar todo o genero de embarcações abrigadas dos ventos, não sendo sul, ou sudoeste, que nesta parte descompõem muito os mares levantando-os em formidaveis ondas. Mas nestas occasiões recolhem as embarcações de menos fundo em uma calheta, na qual estão seguras de todo o perigo, por estar guardada do recinto d'uma muralha, a que chamão Rebelim.

Tendo esta Villa quasi tresentos visinhos obrigados á Freguezia matriz, que é uma boa Igreja com Prior e tres Beneficiados curados, e Freires da Ordem de S. Thiago. A pouca distancia está o convento de St.º Antonio de Religiosos Franciscanos da Provincia dos Algarves. Entre as Praças maritimas deste Reino é numerada esta Villa, que tem Governador, Tenente, Ajudante da Praça, e mais officiaes competentes com uma sufficiente guarnição de soldados infantes e artilheiros, todos pagos, e uma numerosa companhia de auxiliares. É tambem da jurisdicção do seu Governador Villa Nova de Milfontes, que lhe fica distante 5 legoas, com a sua fortalesa e a da Ilha do Pessegueiro, ambas guarnecidas com soldados pagos e artilheria. É defendida a Praça de Sines por um grande castello antigo, que para o mar tem dous baluartes guarnecidos de boa artilheria; e na ponta da bahia, que faz ao occidente, está o forte de Nossa Senhora das Sallas, com artilheria toda de bronze e de bom curso, que defende dos corsarios as embarcações, que buscão o abrigo da mesma

(1) Resende, *Antig.*, liv. 4.

bahia. Um tiro largo de canhão deste forte para o occidente, e em menor distancia da terra firme, está uma Ilha, ou rochedo alto, a que chamão Perseveira, defronte d'um cabo, a que dá o seu nome bem conhecido dos navegantes; pois ordinariamente o vem buscar para levarem mais certas e seguras as suas derrotas. Toma esta Ilha, ou monstruoso penedo, o seu nome do celebre marisco, a que chamão perseves, de que sempre está coberto em tanta copia, que quando o mar está em socego, por ser nesta parte tempestuoso, carregão cinco ou seis barcas delles, sem que se experimente a menor falta.

Para o Governo Civil tem esta Villa um Juiz de fóra, Veriadores, Juiz d'orfãos com os officiaes de Justiça, e Fazenda. Tributa-lhe o mar muito e excellente pescado, e de verão é em tanta abundancia, que dá provimento á maior parte do Alemtejo, contribuindo muito uma boa armação, que todos os annos lanção ao mar na mesma bahia, onde colhem tanta quantidade de peixe, que carregão muitas embarcações para varios portos deste Reino, e algumas vezes por muito o não aproveitão. Abunda extraordinariamente em vinhos, que por muitos valem tão pouco, que houve anno em que o almude valeu a 50 réis, e sempre tem um preço muito moderado, fazendo-se delle carregação para varias partes. Tem o trigo, que lhe basta, e quando lhe falta, é provida com abundancia das terras circumvisinhas, d'onde vem em muita copia para se fazer remessa delle para Lisboa. É fecunda em milho, cevada, centeio e legumes. Não tem muita fruta, mas é bem provida da que ha na Villa de S. Thiago de Cacem, que lhe fica visinha. Cria bastante copia de gado vacum e numerosos rebanhos d'ovelhas, o que faz haver excellentes carnes, especialmente de carneiro. É abundante de caça, sendo os coelhos e lebres em uma extraordinaria

quantidade. Contão-se no ambito da sua povoação sete fontes, cada uma com tanta abundancia de excellente agua, que qualquer dellas bastava para provimento de toda a Villa. O seu clima é muito benigno e temperado, não se sentindo nella o calor e frio em excesso, o que a faz ser tão salutifera, que ha nella poucas doenças, e commumente vivem os homens uma larga idade com robustez e fortalesa.

Eis aqui a descripção que fez de Sines, ha um seculo, Estevão de Lis Velho, Governador desta Praça, na *Vida de S. Torpes*, obra hoje rara pela escassez de exemplares, e que abona distinctamente uma erudição não vulgar nos nossos tempos. Não me intrometto no assumpto do livro, porque, posto que eu esteja persuadido que todos os escriptores sinceros devem, como diz o Padre Feijó, «*batallar por la verdad, y purgar el pueblo de su error,*» tambem me lembro que o mesmo critico diz n'outra parte, que quando «*la tradicion presta algun fomento á la piedad ya no solo es empresa desesperada combatir-la, mas sumamente peligrosa á el que la intenta. Exclama-se contra el combatiente fingindo-le ó apprehendiendo-le enemigo por lo menos occulto de la Religion. Arma-se tan furiosamente el zelo como si viesse poner fuego al santuario con que ál más osado se le haze abandonar un intento en que no veo otro exito que la ruina de su fortuna y perdida de su fama.*»

Por isso eu deixarei ahi em paz Santa Celerina e os seus milagres, S. Torpes com o seu cão e o seu gallo, que vierão em dezoito dias desde a foz do Arno cantar e não sei se ladrar á foz da Junqueira, junto a Sines, a 17 de Maio do anno 64 de Christo. . . . . .

Quando em dia de S. Bartholomeu, vai para dous annos, eu dirigi pela primeira vez meu melancolico passeio pela praia amiga de Sines, associárão-se-me na mente umas poucas de idéas baralhadas. . . tive um sonho vigil. Pareceu-me ver sair do centro do nosso malfadado Paiz uma exhalação densa e mefitica de escravidão, que me abafava e me suffocava — pareceu-me sentir um cheiro de sangue, que me arripiava d'horror; voltei-me instinctivamente para o mar, bebi nelle uma aspiração consoladora, mergulhei nelle meu pensamento doloroso, equitei por elle como um Euro equóreo d'Horacio! « Numquid ingressus es profunda maris, et in novissimis abyssi deambulasti ? » De repente este *ægri somnium* foi-me varrido por uma refrega de vento e uma vaga sonora banhou-me os pés de sua espuma frementе. Antolhou-se-me então ver no traço unduloso, que o mar alongava pelas areias da praia, uma seria de = *m m m.* = Pareceu-me que o velho Oceano vinha, por despeito, ou ira, escrever aqui um repto, e repetir a sua inicial na patria do maior navegante, no dia do nome d'outro tambem famoso, o grande Bartholomeu Dias! Era um cartel escripto pelas vagas a dous dos seus celebres domadores ! ! !

Sines é pois uma terra historica ! disse eu entre mim. Esta praia, aonde se estampou a ultima pégada d'um miseravel tyranno, esta rocha que o repulsou, vírão nascer em eras idas um homem indelevel a todo o esquecimento na memoria dos homens, nobilificador da sua patria, glorificador da sua nação, bemfeitor da humanidade! Sines é pois o berço de Vasco da Gama, do heroe do Homero portuguez! O cantado tem mais privilegio que o cantor . . .

Onde é a patria de Camões? Qual é? — Varias terras disputão essa primazia a Lisboa, que a usurpou toda para si. N'um grande numero de edições dos *Lusiadas* ella imprime por sua conta e risco: « Camões nasceu em Lisboa. Mas se isso é assim, o que quer o poeta dizer no soneto, em que escreve:

Criou-me Portugal na verde e cara
Patria minha Alemquer. . . . .

Quererá a capital lusitana parodiar Ravena com o Dante de Florença? Mas Ravena deu a Alighieri perseguido um asylo na vida, e um tumulo na morte; e Lisboa o que deu a Camões? Um lençol na morte e um *memorandum* letreiro posthumo n'um largo, e n'uma loja de bebidas!!!

Deixemos porem esta questão aos d'Alemquer, e tornemos ao nosso proposito.

Quaes são as provas que ha da naturalidade do descubridor das Indias? Que sabe Sines a este respeito? Que padrão grande ou pequeno levantou ella ou o Governo á sua memoria? Foi para responder á primeira destas interrogações, que então me fiz, que eu comecei por ler o livro acima citado. O auctor era um homem douto, tinha lido muito, era militar, consagrava o seu trabalho a uma celebridade de Sines, devia por força fallar de Vasco da Gama, que era a maior. Mas de facto, não encontrei uma palavra sobre o grande maritimo. « A Villa de Sines ficou illustrada (diz elle) por ser sphera de dous brilhantes astros da Igreja Catholica, dando a um o seu oriente e a outro o seu occaso. » Estes dous astros são Santa Celerina e S. Torpes. E nem o nome do maior navegante portuguez n'uma obra encomiastica de Sines, feita por um homem lido, que cita quasi todos os nossos escriptores, e historiado-

res latinos, francezes e hespanhoes. Isto encheu-me de espanto, e ainda não atino com a rasão de tal silencio. A unica, a mais plausivel, a que se offerece immediatamente ao nosso espirito, é não ser Vasco da Gama de Sines.

Eis aqui porem o resultado das poucas investigações, que pude fazer a tal respeito n'uma terra falta de livros e de documentos, e d'outras que me fizerão o obsequio de communicar alguns amigos, de quem mais adiante farei honrosa menção.

Genealogia manuscripta na Bibl. P. Eborense, Cod. CXVII. 2—14.

Marquez de Nisa.

Nisa é uma Villa na Provincia do Alemtejo, na Comarca de Portalegre, da qual ElRei D. João 4.º deu o titulo de Marquez a D. Vasco Luiz da Gama, 5.º Conde da Vidigueira, e se lhe passou a carta em 18 de Outubro de 1646, como consta do livro 17 da sua chancellaria, fl. 287, que se guardão na Torre do Tombo.

Esta casa usa do appellido de Gama, conhecido em todo o mundo por uma das maiores acções que intentárão os homens. A sua antiguidade emparelha com o Rei, e ainda que muitos nobiliarios principião mais tarde a tratar delle, talvez parecendo-lhes que bastava o grande D. Vasco da Gama por illustre progenitor de si mesmo: outros mais indagadores deduzem a ascendencia deste heroe desde o tempo d'ElRei D. Affonso 3.º, por haverem descuberto documentos seguros, que a provão incontestavelmente. D. Antonio de Lima, no seu *Nobiliario*, conformando-se com a tradição dos primeiros Gamas, escreve que elles procedem d'um cavalleiro,+ que acompanhou o famoso Giraldo sem Pavor na

+ do q.l cavall.o procede os Pestanas, e Silveiras de Sortelha, e q.' o tal successor de Gama [illegible] desta geração fazendo entrada pelas terras possuidas dos Mouros, se ficarão chamando da Gama, e trazião p.r Armas a Gama d'oiro em campo verm.o, e ora a traze [illegible] sobre o elmo, e fizerão assento em Olivença donde q.' foi ganha aos Mouros p.r os Castelh.os e q. dp.s e outras terras passou p.a a Coroa Portug.za em tp.o de D. Diniz.

conquista de Evora, em 1166, porem não continua a serie de sua descendencia, e mesmo se acha em algumas memorias de remotos annos, acrescentando que aquelle valeroso homem era da familia de Ulhoa, em Hespanha, que usa das mesmas armas. O certo é que a familia dos Gamas é uma das illustres da Monarchia Portugueza, e que se ignora a origem verdadeira do seu appellido, sendo um dos que querem derivar de inverosimeis contos: tropeço em que costumão cair os exploradores sem critica, e faceis em acreditar ficções. O primeiro, em que se acha com muita distincção é Alvaro Annes da Gama, que vivia em Olivença no anno de 1280, e foi um dos insignes Capitães, que serviu a ElRei D. Affonso 3.°, na conquista do Algarve. Casou, e forão seus filhos:

2.° { João Alves da Gama.
Lopo da Gama.
Bartholesa da Gama, mulher de Estevão Logominho. }

João Alves da Gama viveu em Olivença.+ Serviu na guerra aos Reis, D. Diniz e D. Affonso 4.° Casou com Guiomar Cogominho,+ irmã de seu cunhado, de quem teve:

+ q. a memoria n/ H.o de 1317 d'Evora.

3.° Alvaro Annes da Gama, que serviu, imitando os seus ascendentes, a Affonso 4.°,+ com quem se achou na celebre batalha do Salado no anno de 1340. Casou com Maria Esteves Barreto, de quem teve:

+ e se achou na bat.a do Salado [illegible] c/ s. Pai, sendo já velho: este Alv.o Anes da Gama teve a Estv.o Alv.s da Gama q. servio a D. Fern.o [illegible] Alvarianes da G.a q. casou c/ M.a Esteves Barreto, o q. foi fi.o mui

4.° { Estevão Alvares da Gama.
Diogo da Gama, Commendador de S. Pedro de Trancoso. }

Estevão Alvares da Gama viveu em Elvas em tempo d'ElRei D. Fernando e D. João 1.° Casou com Catharina Mendes, de quem teve:

5.° Vasco da Gama, casou e teve:

ill.e no tp.o de D. Fern.o, e D. Jo.o, e f. em Elvas onde era cas.o c/ Ina Mendes q. ficando viuva aos 12 a., fundou a Ermida de N. S.ra da Graça a 1½ legoa d'Elvas: o f.o de s. f.o foi Vasco da G.a, Ca.o o m.to onr.o da q.a [illegible], servio a D. Duarte e Af. 5.o e era como o [illegible] casou c/ [illegible] da q. teve 3 f.os, o 1.o Estv.o da G.a, Viador do Princ.e D. Af. f.o de D. J. 2.o, Alv.o M. de Sines, e tão quer.o de D. M.el q. o fez Veador da R.a D. L.or, e Comd.or de S. Th.o, e este

6.° Estevão da Gama.

Foi Cavalleiro da Ordem de Christo, Alcaide Mór de Sines, e de Silves no Algarve. Senhor das Saboarias de Estremoz, Souzel, Fronteira, e Veador do Principe D. João. Serviu primeiro o Infante D. Fernando, irmão de D. Affonso 5.° Este Monarcha o remunerou dos bons serviços, que fizera áquelle Principe, e lhe deu uma tença de sete mil réis brancos. . . ElRei D. João 2.° o estimou muito por ser homem de grande intelligencia, instruido em algumas linguas, com conhecimento de geographia e nautica, pelo que cogitou mandal-o ao descubrimento da India; mas como a Providencia tinha destinado este para seu filho Vasco da Gama, occorrêrão embaraços que fizerão suspender aquella viagem, e mandou o mesmo em diligencia por terra a Pero da Covilhã, Cavalleiro da Casa Real, e Affonso de Pavia, etc., etc. Casou Estevão da Gama com D. Isabel Sodré, filha de João de Resende, Provedor das vallas e lesirias do Ribatejo, e de sua mulher, Maria Sodré, de quem teve:

7.° Vasco da Gama.

Nasceu na Villa de Sines, e principiou mui moço a servir na guerra contra Castella, e ElRei D. Affonso 5.°, de quem levou a bandeira real, quando entrou naquelle Reino, estando em Arazalo, lhe fez mercê de uma tença de 8$000 réis brancos, por carta do 1.° de Outubro de 1486. . . ElRei D. João 2.° o distinguiu com honras e favores entre os benemeritos vassalos, que merecêrão a sua estimação; e ElRei D. Manoel o elegeu para descubridor da India. . . Este lhe fez mercê no anno de 1515, por carta de 19 d'Abril, da Capitania de Nisa e Secães, e no de 1519 permittiu faculdade para comprar ao Duque de Bragança D. Jaime os Senhorios da Vidigueira e Villar de Frades, pelos quaes deu quatro mil cruzados e um juro, e do primeiro lhe

conferiu o titulo de Conde, com a prerogativa de poder chamar-se Dom, e os que delle procedessem...

ElRei D. João 3.º lhe fez mercê de 400$000 réis de juro para sempre, confirmando-lhe os outros que recebêra do pai, etc... Morreu em Cochim a 25 de Dezembro de 1524. Foi sepultado no Convento de S. Francisco, do qual, como ordenou em seu testamento, se trasladárão seus ossos para o da Villa da Vidigueira, de Carmelitas Calçados, e em sua capella mór da parte do Evangelho se guardão depositados em um caixão coberto de veludo preto, e em uma pedra embutida na parede a inscripção seguinte: « Aqui jaz o grande Argonauta D. Vasco da Gama, 1.º Conde da Vidigueira, e Almirante das Indias Orientaes e seu famoso Descobridor. »

Bibliotheca Lusitana, tom. 3.º, pag. 775.

Vasco da Gama nasceu em a maritima Villa de Sines, situada na provincia Transtagana, podendo competir com as mais famosas Cidades do mundo por ter dado o berço a tão illustre heroe. Forão seus progenitores Estevão da Gama, Alcaide Mór de Sines e Silves, Commendador do Seixal, Vedor do Principe D. Affonso, filho d'ElRei D. João 2.º, Senhor das Saboarias de Estremoz, Souzel e Fronteira, e de D. Isabel Sodré, filha de João de Resende, Provedor das Vallas, e de Maria Sodré, filha de Fradique Sodré... Sahiu do porto de Lisboa para descubrir o Oriente a 8 de Julho de 1499 (1), acompanhado de seu irmão Paulo da Gama e Nicoláo Coelho, em tres navios de 170 homens. Chegou a Calecut a 18 de Maio de 498. Voltou a Lisboa em 29

(1) Erro — que sahiu em 1497.

de Julho de 499. Falleceu em Cochim a 25 de Dezembro de 524.

———

D. de Goes, Chronica de D. Manoel, part. 1.ª, *cap.* 23 *(edic. de Lisboa de* 1749*).*

No tempo em que se fazião prestes estas náos, teve ElRei conselho sobre quem mandaria por Capitão dellas, e assentou que fosse Vasco da Gama, Fidalgo de sua Casa, natural da Villa de Sines, homem solteiro e de idade para poder soffrer os trabalhos d'uma tal viagem, pelo que o mandou chamar, estando em Estremoz, no mez de Janeiro de 1497, e lhe deu a capitania dellas... ao que Vasco da Gama, respondendo com palavras de bom Cavalleiro, lhe beijou a mão, ajuntando a isto que uma das partes que o convidavão a este trabalho, depois do serviço que nisso esperava fazer a Deos e a Sua Alteza, era parecer-lhe que tinha alguma aução nesta viagem pola ElRei D. João, pouco antes que fallecesse, ter dado a seu pai Estevão da Gama, que já tambem era defunto.

———

Portugal Pictoresco ou Descripção historica deste Reino, por Ferdinand Deniz, vol 1.º, *fl.* 275.

Era passado um anno depois da exaltação de D. Manoel ao throno, quando este Monarcha tomou a resolução de effeituar os vastos projectos, que o seu predecessor havia concebido. Desde este começo no exercicio de soberania, elle mereceu na verdade o sobre nome que já o povo lhe conferíra. D. Manoel teve o judicioso cuidado de não se afastar de modo algum das disposições feitas antes delle. Um Fidalgo do Alemtejo

tinha sido escolhido para commandar a expedição. D. Manoel não o demittiu. Vasco da Gama era o homem de D. João 2.°, este elogio devia bastar-lhe, e o joven Principe o comprehendeu. O homem designado por D. João 2.° para Capitão Mór das Indias já se havia feito notavel por um merito pouco vulgar (1), e descendia d'uma dessas antigas familias, cuja energia parecia hereditaria. Já no reinado de D. Affonso 3.° apparece um Alvaro Eanes da Gama, que serve durante a conquista do Algarve, e que alguns genealogistas (2) affirmão ser o primeiro ascendente conhecido de Estevão da Gama, o qual era natural de Olivença e Alcaide Mór de Sines. Estevão da Gama, seu neto, Alcaide Mór de Sines e Silves, Commendador do Seixal, casou com D. Isabel Sodré, filha de João Resende, e della houve, além d'outros filhos, a Vasco da Gama (3). Um precioso manuscripto da Bibliotheca Real de Paris nos revela que desde o anno de 1496 houverão no Conselho d'ElRei numerosas conferencias ácerca da expedição das Indias, e que foi em consequencia destas discussões que o Monarcha se decidiu a commetter a empresa ao joven official, cujo nome tão repentinamente se havia engrandecer.

O certo é que os aprestos da armada começárão naquella epocha (4), e que como havemos dito conforme o illustre Pacheco, que foi presente ás primeiras disposições, nada se omittiu do que podia contribuir pa-

(1) Nasceu em Sines no anno de 1469. A educação do moço Vasco da Gama foi tão completa, quanto o podia ser naquella epocha. Estudou principalmente Mathematicas, e leu os cosmographos. Cedo foi escolhido para missões importantes, e a sua fama era já clara na epocha em que D. João 2.° o elegeu para um cargo de consequencia.

(2) Vide Memorias historico-genealogicas dos grandes de Portugal, pag. 176.

(3) João de Barros escreve sempre Vasco da Gamma.

(4) Vide B. de Resende, Tratado dos Viso Reis da India.

ra o bom successo da empresa... Importa além d'isso notar que naquella epocha residião na Côrte de D. Manoel dous celebres astronomos (1), Mestre José e Mestre Rodrigo, que fazião parte de uma Junta de Mathematicas, instituida desde o tempo de D. João 2.°, e que além destes dous homens singulares tambem se fazia menção de Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, e do Licenciado Calça Velha, Bispo de Viseu, cujos conhecimentos geographicos erão estimados, posto que se houvessem mostrado pouco favoraveis a Christovão Colombo, no reinado precedente, etc.

Faria e Sousa tambem diz que é natural de Sines, no tom. 2.° da *Europa Portugueza*, pag. 498; e no tom. 1.° da *Asia Portugueza* descreve-o do modo seguinte: — «Fue D. Vasco naturalmente osado para qualquier echo grande, apassionado causaba temor: resistia con illustre constancia á los trabajos: presoroso en dar á las culpas la pena que ditava la justicia. Alfin todo el era qual convenia para lo que del se fió, quando descubridor, quando Capitan, e quando vi Rei.»

O Padre Fonseca é da mesma opinião na sua *Evora Gloriosa*, pag. 125.

Dialogos de varia historia, de Pedro de Mariz, Supp. pag. 355.

... E por Capitão della Vasco da Gama, homem

(1) F. de B. Garção Stockler, Ensaio historico sobre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal.

Fidalgo, natural de Sines no Algarve, mancebo solteiro, e de idade e disposição para soffrer todos os trabalhos, e sobre tudo era dotado de um animo grande e incançavel, e além d'isso era curiosissimo da arte maritima, e tão douto e diligente nella, que podia competir no entendimento e cuidado de suas cousas com os mais experimentados pilotos da Europa...

Traslado do Tombo da Commenda da Villa de Sines, que é da Ordem de S. Thiago, de que é Commendador Sebastião de Sá de Menezes, Capitão, Alcaide Mór da dita Villa, emendado, por Provisão de S. Magestade, pelo Dr. Luiz Nogueira de Brito, Provedor desta Comarca do Campo de Ourique, a quem foi commettido fazer a dita emenda, 30 de Julho de 1631 (1):

« Igreja parochial da invocação do Salvador é da Ordem, e tem as seguintes propriedades applicadas á fabrica.

« Tem uma horta na Barroca do Mar, que paga 30 réis á fabrica da Igreja, a qual horta ora trazia D. Vasco da Gama, Almirante da India. Achou elle Provedor que não ha horta, e tudo são barrocas, que com o tempo e antiguidade se consumírão.

« Bartholomeu Alvares trazia uma horta de vinha, que está junto ao Almirante acima.

« S. Giraldo, Ermida que está ao longo do mar, foi feita por D. Vasco da Gama, Almirante da India, a qual ha muitos annos que não tem ornamentos nem cousa alguma, e só estão as paredes e portas concertadas por um devoto. »

(1) O Tombo da visitação, a que se refere a emenda, foi feito em 1516 Desembro.

Tambem a Ermida da Senhora das Sallas, como adiante se verá, foi mandada fazer por D. Vasco da Gama (1).

Á vista do que deixo transcripto, creio que ficará para todos fóra de duvida que o grande argonauta Vasco da Gama é de Sines, e não de Sagres ou de S. Francisco (Concelho de S. Thiago), como gratuitamente pertendem algumas pessoas, mal informadas, dessas Villas, e não sei se alguns escriptores d'obscura nota.

Com frente ao sul, no caminho que leva á Ermida da Senhora das Sallas, e defronte da barroca acima mencionada como horta de D. Vasco, existem umas casas de pobre apparencia, que os habitantes deste porto tradicionalmente conhecem pelo Palacio de Vasco da Gama. Parte dellas é um pardieiro, já meio sotterrado pela parte posterior, mas ainda pelo ambito, que occu-

(1) Eis aqui, além das já apontadas, as obras que tratão de Vasco da Gama, citadas na Bibliotheca Lusitana:
Barros, Decada 1.ª, liv. 4.º, etc., etc.
Faria e Sousa, Europa, Asia Portugueza.
J. Osorius, De rebus Emmanuelis.
S. Roman, Hist. de la Ind. Oriental.
Andrade, Chron. de D. João 3.º, part. 1.ª, cap. 58, etc.
Sousa, Hist. Gen. da C. Real, tom. 3, tit. 2.º
Francisco de Santa Maria, Diario Port., tit. 3.º
Solur., De Jure Indiarum, tom. 1.º
José Pereira, Chronica dos Carmelitas.
Sá, Mem. Hist. do Carmo.
Carvalho, Chorog. Port.
Padre Castro, Mapp. de Port.
Fernão Lopes de Castanheira, Descobrimentos e conquistas da India.

pão, e outras circunstancias de data recente, que muito por desnecessarias, se vê claramente sem esforço systematico d'antiquario, que alli houve uma casa nobre, que devia ter sido um predio rico e saliente, sobresaindo entre os pobres e terreos, de que a Villa ainda hoje quasi exclusivamente se compõe, e que então devião ser muito mais numerosos.

Era alli mesmo junto do mar, contiguo ao seu predilecto elemento, vasto como a sua idéa, aspero como o seu caracter, era ao ruido das vagas que vinhão quebrar-se ás abas do seu mirante que o grande Jason Portuguez devia estender sua vista de nauta pelo rumo da India, que se lhe devolvia em páramos d'agua defronte das janellas — era d'alli que n'um scisma nebuloso elle devassava d'olho as praias d'Asia no seu alteroso galeão; era alli que as lufadas do sul lhe devião agourar em sibilos as tormentas do penhasco africano; era alli que o nosso grande navegante devia viver de mar, de gloria, de vento e d'ondas, para ir morrer ao longe de fadiga, para nunca talvez ser lembrado em Portugal se não fosse a penna daquelle « que foi mais afamado que ditoso ! . . . »

E a Sines que importa ter por coterraneo um dos maiores homens dos fastos maritimos, cantado pelo maior vate das Hespanhas ? — Ella ouviu dizer que a Ermida da Senhora das Sallas foi edificada por *elle*, que quando por aqui passava em suas derrotas a *saudava* com uma salva festiva — repete isto apathicamente, faz a festa á Senhora das Sallas com uma indifferença ! ! ! ! ! ! . . . . . .

Pois a devoção tem quarenta ou cincoenta moedas para o vão apparato d'uma festa d'arraial, e o amor patrio, a recordação das cousas grandes não terá igual quantia para a erecção d'uma agulha, d'um modesto monumento, que diga a estranhos e naturaes « que esta rocha é a terra natal do homem, cujo nome será sabido

dos mais remotos seculos em ambos os hemispherios? Pois nós Portuguezes d'hoje tão degenerados estamos, que até já perdemos a ufania das nossas glorias passadas! Quando o velho morihundo, e já para nada, ainda testa com orgulho recordações á sua juventude — nós nem isso!!!

Não fallâmos ao Governo Portuguez, porque não fallâmos a surdos. . . — fallâmos ao coração rude, mas nobre desses homens do mar, cinzeiro ainda fumegante do avito fogo nacional — dizemos a todos os habitantes generosos de Sines, que nos ouvirão, « que é ignominioso para elles o que para grandes nações seria de infinita gloria, que é ignominioso para elles saber-se no mundo que veio aqui á luz o descubridor das Indias, e que nesse solo, em que elle nasceu, não ha o minimo padrão, que o memóre, quando nos paizes cultos não ha poeta secundario, nem artista subalterno, a quem seus patricios não tenhão elevado um pobre ou rico monumento. A grandesa está na sublimidade da idéa, não no primor do artefacto! Que a Camara Municipal da Villa, por uma subscripção espontanea, pague promptamente essa divida atrasada, solva della todo o nosso povo, erguendo uma pedra commemorativa, que date ao menos o *grande feito*, o nascimento e a morte do *seu* celebre nauta. » E o dia da inauguração dessa pedra será um dia de gloria para Sines e para todos os Portuguezes magnanimos, que ainda tenhão lagrimas sinceras para chorarem o que somos, e nobre enthusiasmo para se gloriarem do que fomos!

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

N. B. O Sr. A. Herculano tambem forneceu a um nosso amigo alguns esclarecimentos, que omittimos por nos serem já conhecidos.

PARTE SEGUNDA.

VILLA E TERMO

DE

SINES.



INES parece vir de *Sinus*, seio ou enseada (1). E com effeito, de Setubal ao Promontorio Sacro, é ella a unica que abre, sem dependencia de maré, a sua meia lua d'asylo ás embarcações, que della precisão. Em nortadas especialmente, a sua enseada é uma abra tão fiel e segura, como com sudoestes *malè fida carinis.* Quando o vento sopra irado e travessão, feliz o navio, que perde de vista a Villa para a não ver de perto feito pedaços na ponta de suas rochas, ou no areal de sua praia. Por grande porem que seja o temporal, e de qualquer ponto do *rosa ventorum*, tres barcos de cabotagem podem-no observar desassombrados e tranquillos por detraz do

(1) Sines está a 37, 45' latit. norte, e a 11, 2' longitude de Paris, 8, 58' longitude leste da Ilha de F. (Recueil des cartes maritimes générales et particulières, dressées au dépôt des cartes, plans, etc. Par Bellin, Ingénieur hydrographe.

No ecclesiastico — dependeu antigamente do Arcebispado

ingente muro, que fórma a sua calheta. Quando o mar furioso trepa a urrar pelo recife e transforma a praia em duna, borrifando-a de espuma indignada, a pequena angra realisa litteralmente para as trinta quilhas, que abriga, a pia etymologia de Sines:

« *Deprensis olim statio tutissima nautis.* »

O arco da enseada é formado por uma curva de rochas, que do pontal, extremidade sul, corre circulando até á ribeira, extremidade norte: ahi entesta com

de Evora, até o tempo d'ElRei D. José, em que se criou o Bispado de Beja, ao qual desde então ficou pertencendo.

No civil — até 1834 á Comarca de Ourique, a cuja Sub-Perfeitura (que dependia da Perfeitura de Faro) ficou desde 34 tambem pertencendo, e desde 36 até hoje ao Governo Civil de Lisboa.

No militar — á 1.ª divisão. É Praça sem accesso.

Para os curiosos d'antiguidades transcrevemos aqui o que della dizem os seguintes auctores:

Bluteau. — Villa de Portugal no Alemtejo, na Comarca de Ourique, em uma angra, que faz a ponta de Troia, até ao Cabo de S. Vicente. Tem seu Castello, e está hoje fortificado com dous baluartes munidos de grossa artilheria, e tem uma calheta em que se recolhem as barcas, que saem a pescar. Tambem tem uma Fortalesa chamada da Ilha, fabrica d'ElRei D Pedro 2.º, a qual está fundada defronte da Ilha do Pecegueiro, e tem uma Ermida da Sr.ª da Queimada, a quem os Mouros fizerão fogo, ficando illesa a imagem. Para esta Villa forão trasladados os restos do glorioso Martyr S. Torpes. (Aqui dá a historia da viagem do Santo com o cão e o gallo, cuja omissão os benignos leitores desculparão.)

Mappa de Portugal do Padre Castro. — Sines jaz no Reino e Provincia do Algarve, onde ha surgidouro em 10 ou 15 braças. Vai d'aqui correndo a costa ao sul 20 legoas até ao Cabo de S. Vicente. Mas neste caminho, mais 3 legoas, se vê a Ilha do Pecegueiro, antigamente chamada *Petânio*, entre a qual e a terra ha surgidouro em 2 ou 3 braças. Part. 36 do tom. 1.º

um paredão escarpado, que se alça sobre o recife, em cuja quebrada se alonga a calheta, que terá de comprimento 60 varas, e de largura 13 e 2 palmos. Esta orla de rochas varía entre 7 e 8 braças d'altura. As suas vertentes são desiguaes. N'uns sitios são ribas, alcantis; n'outros ladeiras e encostas, mais ou menos disfarçadas, mais ou menos fragosas e ingremes.

A parte, que medeia entre a Villa e a Senhora das Sallas, está quasi toda espessamente alastrada das areias, que o norte tem varrido da gândara, que se estende para esse lado, e é nua de vegetação. A que sub-

No tom. 2.º, pag. 20, diz mais: — « É venerado na Igreja matriz, em capella propria, o corpo do glorioso S. Torpes, que padeceu, etc., etc. etc., e perdendo-se com o tempo a sua memoria, o Arcebispo D. Theotonio, persuadido do Papa Xisto V, fazendo exactas diligencias, o foi encontrar nas praias do Rio Junqueira, em uma urna de pedra, e o depositou na matriz desta Villa, onde se conserva até agora em grande veneração, obrando Deus por elle continuos prodigios, etc.

Historia Tripartita. — A Villa de Sines tem 300 fogos e tem uma Igreja parochial, com um Prior e dous Beneficiados. Tem um Convento de Religiosos da Provincia dos Algarves, com o titulo de St.º Antonio, cujos principios se referem nesta maneira, e os traz o Padre Gonzaga: — « Que vendo-se um homem em uma grande tempestade perdido no meio de furiosas ondas do mar, invocára a Nossa Senhora e a St.º Antonio, para que lhe valessem; e escapando daquelle mortal perigo, em que se viu, em acção de graças fundára uma Ermida, que dedicára á Senhora e a St.º Antonio. Pelo tempo adiante chegárão áquella Villa uns Religiosos de Castella, da Ordem de S. Francisco. Estes, com o seu bom exemplo, santidade de vida e fervorosos sermões, persuadírão aquelle povo edificasse um Convento, em que tivessem a companhia de Religiosos, que lhe assistissem na hora da morte e com quem podessem confessar-se muitas vezes, para que, com o fructo dos Sacramentos e santidade de suas vidas, merecessem o agrado de Deus. Em tudo vierão aquelles moradores, e assim na mesma Ermida fundárão o Convento. Veiu tambem nisto o illustre Fidalgo Jorge Furtado de Mendonça, que

jaz abrigada pela Villa está cuberta d'uma camada de boa terra, e verdeja viçosamente de cannaviaes, piteiras e hortejos. Até no sopé d'uma das que ficão para leste acabão de hortejar um lindo pedaço.

E ás rochas escarpadas, ás ladeiras, aos taboleiros de verdura impendentes, á exotica bananeira, a casas dependuradas, a uma subida de calçada, a cannaviaes debruçados, a tudo isto, chama-se em Sines *Barrocas*.

É no cimo dessas barrocas, ao longo d'uma explanada mui pouco undulada, que se estende a Villa d'oeste a leste.

lhe deu principio pelos annos de 1504, e com o seu exemplo e favor ajudou muito a obra, que em breve se concluiu. (N. B. O epitafio deste Fidalgo está escripto n'uma campa, que serve hoje de pedra de tanque, ou cousa que o valha, n'um jardimzito que o Sr. Daniel José de Mattos talhou no antigo claustro.) Fica esta Villa junto á povoação de S. Tiago de Cacem, em o Districto do Campo d'Ourique, situada em uma angra, que faz a ponta de Troia até ao Cabo de S. Vicente, ficando a enseada algum tanto imminente ao Oceano em que desaguão tres rios, que são *Regalvo*, *Borboagão* e *Junqueira*.

Foraes novos do Alemtejo, fl. 45, col. 2.ª Franklin, pag. 143. — Sines tem foral dado por D. Manoel em Lisboa a 1 de Julho de 1512.

Resende, De Antig. Lusit., cita tres inscripções achadas em Sines, que são as seguintes:

1.ª

. . . .
AN. L. CLAVD.
THALASSINVS.
MARITE ME
RENTISSIME
H. S. E. S. T. T. L.
Hoc est
Annorum quinquaginta. Claudius Thalassinus marite merentissime, hic situs est. sit tibi terra levis.

Para sueste a terra altêa e corcova-se bastante até ir formar a planura, que aqui se conhece pelas *chans* ou altos *chãos*.

Desde a Senhora das Sallas até ao Rocio terá 9 minutos de caminho, e 1 a 1 e meio de largura. As suas ruas principaes são na direcção do seu comprimento. A maior (rua direita) atravessa quasi toda a sua extensão; as cinco restantes correm-lhe parallelas. Duas destas são partidas pela Praça, largo central de mesquinha apparencia, inutilmente empachado por um pedestal de pelourinho; as outras pela rua da Praça, perpendicular a todas.

2.ª

D. M. S.
FVLVIVS. L. F. QVINTIANVS
FABER. MATERIARIVS PIVS.
IN SVOS VIXIT. ANN. XLVI.
RVBRIA Q. F. SERGILIA. ME.
ROBR. MARITO. B. M. FEC.
H. S. E. S. T. T. L.

Hoc est
Diis Manibus Sacrum. Fulvius Lucii filius Quintianus faber materiarius vixit annos guadraginta sex. Rubria Quinti filia Sergila Merobrigensis marito. benemerenti fecit: hic situs. est. sit tibi terra levis.

3.ª

D. M. S.
IVLIA. C. FIL MARCEL.
LINA AN. XXX.
H. S. E S T. T. L.

Hoc est
Diis Manibus sacrum Julia Caii filia Marcelina annorum tirginta, hic sita es sit tibi terra levis.

As ruas, se não são alinhadas a cordel, tambem não são tão tortas como n'outro tempo se usava. Nossos maiores fallavão direito, e construião direito e torto. Nós construimos direito, e fallâmos a torto e a direito. É o systema das compensações.

A Villa tem tres largos: o Arieiro, o Rocio e a Praça. Destes o Rocio é o mais consideravel em tamanho, mas o mais solitario e humilde.

As casas terreas orção quasi em numero pelas altas. São todas caiadas. A maior parte feita de pedra e cal, mas tem um grandissimo defeito — falta de latri-

Chorographia Portugueza, do Padre Carvalho. — Sines, 3 legoas de S. Thiago de Cacem para o poente; tem seu assento a Villa fundada n'uma angra, que faz a ponta de Troia até ao Cabo de S. Vicente, ficando a enseada algum tanto imminente ao mar, em que desaguão Regalvo, o Borbolegão e o Junqueira. Tem seu Castello, e está hoje fortificado com dous baluartes, petrechados de grossa artilheria, e tem uma calheta, em que recolhem as barcas que sahem a pescar, e fazem a terra abundante de bons peixes e marisco. Tem 500 visinhos, com uma Igreja parochial da invocação de S. Salvador, com Prior e tres Beneficiados da Ordem de S. Thiago, de que é Commenda; Casa de Misericordia, Hospital e estas Ermidas: Nossa Senhora das Sallas, Santa Catharina, S. Marcos, S. Pedro, e a um quarto de legoa da Villa (meio quarto) um Convento de Franciscanos. É abundante de bons vinhos e de muita caça de volateria d'arribação, que frequenta as ribeiras. O seu termo são 3 legoas de comprido e 2 de largo. Tem uma Fortaleza, que chamão da Ilha do Pecegueiro, fabrica d'ElRei D. Pedro 2.º, e tem uma Ermida da Senhora da Queimada, tem mais outra de S. Bartholomeu e outra de Nossa Senhora dos Remedios. Assistem ao seu governo civil um Juiz ordinario, tres Vereadores, um Procurador do Concelho, Escrivão da Camara, um Juiz d'orfãos, e dous Tabelliães e um Alcaide. Ao militar tem uma companhia d'ordenanças e outra de soldados pagos, com um Governador da Villa e seu termo.

N. B. O tal Arcebispo de Evora, D. Theotonio de Bragança, *achou* a urna de S. Torpes em 1591 — salvo o erro.

nas. As que tem quintaes fazem delles canos de despejo, mas as que os não tem, e é uma boa porção? Quem transita de noute, conhece bem pelo olfato que especie d'aroma o perfuma. Os editaes sim localisão cem vezes nas esquinas os sitios de despejo, mas os encarregados de o fazer, preferem ainda mais vezes o *citò* aos sitios.

Não obstante devo dizer, que o aceio das ruas é muito superior ao da Cidade alta em Lisboa. E isto é devido á limpesa semanal, que cada um é obrigado a mandar fazer na parte da rua, áquem da divisão mediana, que corresponde á sua habitação. A Villa, com poucas excepções, está toda calçada. Para a cathegoria da terra soffrivelmente nas ruas por onde o transito dos carros é menos frequente: mal, e n'alguns logares pessimamente, naquellas por onde as viaturas mais transitão.

Nesta parte o publico podia e devia ser mais bem servido. Em regra: os sitios mais recentemente concertados são os que mais facilmente se desmanchão. Seja qual for o desmancho que haja, o concerto é sempre annual. Logo o remedio está em fazer com que esses sitios sejão bem e cuidadosamente concertados, e que o sejão *logo*. Aliás, e é o que acontece, andar-se-ha um anno inteiro mal, e um mez bem. Um mez aceiado, onze mezes roto. Isto é de Fidalgo estouvado — é absurdo.

Sines divide-se nominalmente em tres partes. A central, Villa propriamente dita: extremidade leste, Aldêa dos Cucos: extremidade oeste, Ribeira, ou Senhora das Sallas.

Entre esta e a Villa intermeia-se um areial de quatro minutos, que se acha aforado pela Camara para construcção de casas. Havia um praso para isso marcado aos foreiros, e esse praso já passou, e a lacuna subsiste. Esperão elles acaso de braços cruzados, que o vento desareie o terreno para então edificarem? Nessa

expectativa podêmos affiançar-lhes com certesa, que nunca construirão. Padejai o areial, e fixai depois o terreno por plantas arenaceas, por canaviaes, e pinheiros, e tereis em breve chão firme. (1)

As moitas rasteiras riem do norte; as canas brincão com elle: os pinheiros crescerão depois abrigados, e vós tereis solo firme, e a suspirada renque de casas apparecerá finalmente enchendo a velha e triste lacuna. (2)

O termo de Sines confronta com o mar desde o nornordeste até ao sul. D'ahi segue por leste pelo pinhal do Queimado, pelas Pias, pela Estradinha, pelo

(1) É opinião do Sr. Samuel Pidwell, que o meio inteiramente opposto ao que proponho (que consiste em purgar o terreno de tudo que possa servir de nucleo á areia) é o mais efficaz para desareiar o solo. Sem duvidar da efficacidade deste meio, supponho-o muito mais moroso que o outro. Brémontier preferiu-o em França com feliz resultado.

(2) Esqueceu-nos atraz dar as dimensões da enseada. A corda tangente á linha convexa, que o mar traça na praia, *id est*, a maior largura da praia é de 230 braças, e a que abre a enseada do pontal á Ribeira tem obra de 600 braças.

N. B. O recife de que atraz fallámos, offerece ainda ao lume d'agua, uma porção de base a um paredão que se levantasse, e que pegasse com o que existe. A calheta com mais este amparo, e devidamente desobstruida, abrigaria então tres ou quatro navios. Por muitas vezes tem vindo diversos Engenheiros examinar a obra, mas os seus orçamentos tem aterrado de tal fórma o Governo, que a obra continuará ainda por muitos seculos, a ser examinada por diversos Engenheiros. Ouvi dizer a pessoa competente, que um *molhe* hardido, fazia-se deste porto uma soberba dóca para mais de 250 navios. Mas nós temos governo de dócas, onde?

Ainda que Villa Nova de Milfontes chegue a ter uma boa barra, o porto de Sines não perde a importancia, que lhe dá a sua posição central entre os dous cabos e a sua abra aos nortes, de facil demanda. A barra de Villa Nova de Milfontes é de um accesso muito mais perigoso, ainda quando melhorada.

Sobralinho, pelo barranco da Bebeda até ao mar. Estes pontos estão n'um cordão de collinas (que aqui chamão Serra), cuja curva no Concelho terá 3 leguas.

De norte ao sul o Concelho terá de extensão 4 e meia leguas boas. De nascente ao poente tem n'uns sitios 3 leguas; n'outros legua e meia.

A Camara não tem uma demarcação exacta do seu Municipio, e nisso mostra um desleixo muito pouco honroso.

Dentro desta área ao sul, duas leguas e meia da Villa, está o logarejo chamado — Porto Côvo — sentado quasi á beira mar. Tem 20 visinhos. De todas as propriedades ahi sitas o directo senhorio é o Conde de Porto Côvo.

Porto Côvo é o rendez vous de *banhistas* subalternos (1).

Meia legua ao sul de Porto Côvo existe uma Fortaleza arruinada por dentro, mas ainda com menos má apparencia exterior. Está desartilhada, e o seu solitario habitante é um soldado de veteranos.

Nos principios de Setembro, se me não engano, faz-se ahi uma vigilia, que é concorrida dos arredores, e dos banhistas, que se alvergão pelas velhas casernas da Fortaleza, communista, cynica, e anarchicamente.

Oh! que romaria!!!

Quasi defronte da dita Fortaleza, a um tiro de espingarda da costa, ha um ilhote (Ilha do Pecegueiro) inculto e agreste. Terá de comprimento aquella distancia, e meia de largura. Vêem-se ainda ahi as ruinas d'um Forte e de uma Igreja, e as cortaduras e macissos de uma especie de espaldão, ou de cousa que o valha.

(1) O Concelho de Sines terá 60 milhas quadradas? O Termo terá 20 habitantes por milha quadrada?

Com uma tintura de geognosia, talvez me não parecesse ter visto incrustações, que, na minha ignorancia, eu chamo *madrepóricas.*

A commissão geologica, que visitou a Ilha, informará proficientemente o publico a este respeito (1).

Os arredores da Villa são um inextricavel labyrintho de cêrcas, dividido por caniçados e vallados de areia. Cerquinhas, quintalejos, vinhitas, courelinhas, aqui tudo é diminutivo. Quem de inverno vê esse areial escampado, raso, mil-partido, nu e deserto, desconheceu-o de verão ao vê-lo apavonado e loução de todas as galas da vegetação a mais variada. Um tal improviso de creação é um verdadeiro milagre de cultura. O que era areia esteril, é um tapete de verdura, de vides pampinosas, de messes unduladas, de flôres, de fructos; é uma alcatifa onde Pomona e Ceres, e as mais Divindades campestres se entranção em mythologica choréa.

Entre as diversas graduações daquelles diminutos repartimentos, ha porém alguns augmentativos, e entre estes, dous a quem talvez caiba o nome de quintas. Um pertence ao Sr. Prior. Anda descuidado, mas tem uma linda *vivenda.* O outro é do Sr. José Miguel, que o traz mui bem tratado, e que com um predio correspondente, que lhe falta, se avantajaria muito áquelle.

A extremidade leste da Villa, ou a Aldêa dos Cucos, cuja etymologia a minha simplicidade deixa á discripção do leitor malicioso, é a cauda de Sines composta quasi toda de casinholas de taipa, e onde nada ha de notavel senão dous recentes estabelecimentos de

(1) O ornithologico que quizer estudar a ovogenia de gaivotas, guinchos, maçaricos, mergulhões, alcatrazes, etc., póde ir á Ilha do Pecegueiro, em Maio, que ahi encontrará centenas d'ovos multicores em differentes graus de desenvolvimento.

cortiça, por ora ainda fracos e muito inferiores ao da Senhora das Sallas.

A extremidade oeste, ou Senhora das Sallas, que tira o nome de uma Ermida assim chamada, é um grupo de casinhas, ou (como aqui lhe chamão) de lojas e armazens de triste apparencia, que servem quasi exclusivamente de armazenar sal e utensilios de pesca. Ha mais para diante um Forte abandonado, que defendia antigamente a entrada da enseada com o Pontal, que tambem estava artilhado, e o castello (1).

D'ahi segue-se a costa de oeste, da qual a Perceveira dista um tiro de canhão (2) (3).

(1) Sobre este castello lê-se no traslado do tombo, o seguinte: — « Achou elle Provedor q̃ o Castello desta Villa estava tombado, e na visitação da Ordem sem peças, e agora tem 14 peças de Bateria todas de ferro. E é alcaide Mór e Capitão delle Sebastião de Meneses, Commendador tambem desta Villa, e de presente está de posse delle, e lhe fez mercê S. Magestade como Mestre e Governador desta Ordem Militar de S. Thiago, como consta da Provisão e posse que se lhe fez e deu, que tudo está trasladado no Livro da Camara da Villa fl. 54, a que me reporto 1631 sobre a emenda em 1516. » — Deverei eu accrescentar que este castello tem intermitentemente um Governador? — Que dentro delle está o relogio da Villa, que tambem regula intermitentemente? — Que agora desartilhado só serve para quartel de um destacamento de 40 soldados que se revesão todos os dous mezes sem se saber para que? — Que sobre o tal castello se poderia dizer o que D. João de Castro dizia das Fortalezas da India!

(2) A Perceveira é um cachôpo forrado de perceves, e descoberto d'agua onde o mar especialmente com travessias levanta formidaveis escarceos. Fica por ahi a oesnoroeste da enseada.

(3) Eis-aqui os nomes que os maritimos de Sines dão aos differentes pontos da sua costa do oeste e norte. Pouparei ao leitor a nomenclatura da do sul, e é um serviço não pequeno.

Ponta da Ribeira	Estaca
Pedra Avarga	Rodiana.

Para o nornoroeste da Senhora das Sallas, levanta-se no areial um palacete quadrangular, que ao menos, pelo exterior, é a construcção mais notavel da Villa. É propriedade do director do estabelecimento de cortiça, ahi contiguo, conhecido sob a firma de Biester, Falcão & Companhia. Mais adiante fallaremos delles.

O horisonte de Sines é pouco variado, ou antes monótono. De norte ao sul agua e costa, mar e orlas d'areia, de rochas, pontas, recifes, parceis, restingas, a nublada ponta do Cavalleiro, a vaporosa serra de Mon-

Ponta d'Abano
Pedra sellada
Lagem rasa
Pião d'abano
Carreiras dos Clerigos
Ponta da Gralheira
Pedra balsa
C. de Maria Palma
Carreirão
Ponta dos Castellos
Altia
Ceia do meio
Estorrinheira
Gaivões
Praia do Balhão
Gaivões 2.°
Pombeira
Perceveira
Pena
Salto do borralho
Abanador sêcco
Pedra nau
Fernão Callado
Praia das bruxas
Pião amarello
Cabo de Sines
Praia do rio Douro
Lagem
Piões pretos
Praia dos amarellos
As amarellas
Peves pretos
Rochinha preta
Praia das Moças
Pedra negra
Praia das zorras
Rocha amarella
Rocha das asenhas
Poço das asenhas
Furnas do inferno
P. do ninho de guincho
Ninho de guincho
Bôca da furna
Praia do barro
Piões
Salto palrão
Carreiro do Concelho
Pedras do sal
Bôca d'alagôa
Ladeira d'alagôa
Ponta debaixo das vinhas
Praia debaixo das vinhas
Pedra alta
Lagem amarella
Pedra do Forno
Praia do Lago
Pedra do Homem
D'ahi até á ponte de Troia 14 legoas d'areia (palavras textuaes do Cicerone)

chique, um cordão de collinas, a vasta, milagrosa praia de S. Torpes, Ilha do Pecegueiro, Porto Côvo, S. Giraldo (ruinas da antiga Ermida), terras araveis e maninhas, casaes dispersos, arneiros, pinhaes, S. Thiago, S. André, charneca, Cabo de Espichel. Em dias alcyoneos a duas leguas ao mar avista-se o cabo de S. Vicente.

As tempestades aqui não se demorão. N'um seculo ha apenas memoria da queda d'um ou dous raios.

Neste terreno bibulo, por mais que chova, ha sempre falta d'agua.

Os ventos mais constantes são nortes. De terra poucas vezes, e por pouco tempo soprão. Nos fins do verão, no outono e no inverno ha alguns vendavaes.

O sul e o travessão são aqui insupportaveis.

Sines é um ponto desabrigadissimo. Os ventos mareiros e o norte, açoutão-no desapiedadamente (1).

O leitor esperará seguramente, que ao terminar este artigo, nós lhe dêmos as nossas observações thermo-barometricas, e hygrometricas. Sentimos muito dizer-lhe que desta vez não o podemos satisfazer, porque graças á nossa *linda sorte*, e á *rematada*, posto que nobre *tolice* das nossas idéas, ainda não podémos sair do nosso *primitivo proletariado.*

Esperâmos porem que isso tenha logar brevemente, porque temos as nossas esperanças postas nos nossos leitores e no Estacio de Tolentino (2).

(1) Soprando sul rijo, em Outubro tenho tratado em dous annos, quatro apoplexias: e se o mesmo vento repete, répetição certa d'ataque. Resta vêr se a coincidencia continúa.

(2) Disse-me em Lisboa um agiota, que hoje está no galarim: — «que para elle o maior homem era o que morria mais rico.» — Depois disto, venha-me cá Cicero dizer: — *Ego veró, malo virum qui pecuniâ egeat, quàm pecuniam,*

População por idades e estados.

Numero de fogos..................	Villa	353
	Termo	324
		677

	Sexo masculino			Sexo feminino		
	Solteiros	*Casados*	*Viuvos*	*Solteiras*	*Casadas*	*Viuvas*
Numero de menores até 7 annos	276	»	»	245	»	»
Dito de pessoas de 7 a 18	300	»	»	276	8	»
Dito de 18 a 25	131	28	1	101	65	3
Dito de 25 a 40	122	174	7	65	179	14
Dito de 40 a 60	55	183	39	38	145	54
Dito de 60 a 80	7	34	18	9	14	32
Dito de 80 a 100	»	»	3	1	»	4
Para mais de 100	»	»	»	»	»	»
Somma...	891	419	68	736	411	107

Numero de almas... 2:632

Feito em 1849, 20 de Outubro.

quæ viro; — que eu lhe nomearei a minha AUCTORIDADE. e... Não quero com mais citações parecer pedantesco ao leitor.

Movimento do anno de 1848.	*Varões*	*Femeas*	*Total*	*Varões*	*Femeas*	*Todos*
Nascimentos	52	34	86	„	„	„
Obitos	„	„	„	48	42	90
Casamentos.............. 21						

Sines é por tanto um Concelho pouco povoado; direi, mal povoado. Nem tem quatro folegos por fôgo!!!

Ha 124 pessoas do sexo masculino, mais que do feminino. Para um numero tão pequeno acho a differença consideravel — *polygâmica!*

Tentei dividir a população por classes, mas vi-me embaraçado. 1.º — Escrevi proprietarios, e achei que todos o erão. É esta uma das feições caracteristicas de Sines. Todos *possuem*, mais ou menos, uma tira d'areia, uma choupana, uma cavalgadura, valores insignificantes; mas são proprietarios. 2.º — Um mesmo homem, pesca, lavra, negoceia simultaneamente e de modo, que, com verdade, ninguem o póde classificar em profissão determinada. Não posso por tanto dar ao leitor senão um quadro resumido (1).

Cultivadores dos tres Reinos da naturesa.......	600
Modificadores e artistas	30
Somma...	630

(1) Em Sines não ha mendigos *ostiatim*: apenas aos sabbados apparece a pedir um idiota, e alguns velhitos.

Transporte...	630
Permutadores e commerciantes..............	100
Empregados publicos	20
Resto que escapa á classificação synthelica	200
Somma...	950

Sines tem muita falta de braços. O antigo adagio — « barriga cheia, pé dormente » — póde aqui applicar-se a quasi toda a população masculina.

Quem jantou não se afadiga pela ceia. Não é o trabalho que falta, é a *vontade* de trabalhar.

Não tem sol nem porticos, nem sabem que ha uma cidade que se chamou Parthenope, mas tem a indole, o sestro verdadeiramente napolitano da mandriíce.

A ulcera da epocha, o pauperismo, a miseria, a revolução da Europa, isso é um enigma grego para o operario de Sines, que trabalha quando quer, e até por muito favor.

Se ha no paiz algum operario honesto, que morra de fome por falta de trabalho, venha para Sines, que o pão do trabalho, o pão de Deus, não perde o sabor comido no ermo. Seja onde fôr, é mais gostosa a brôa suada, que a sôpa esmolada.

P. S. Em 1840 a Villa e Termo tinha 621 fogos. A Villa 318; o Termo 303. A população masculina era de 1331; a feminina de 1421.

Total da povoação 2752 almas.

Em 10 annos ganhou 56 fogos, e perdeu 120 pessoas!!

Nota-se porem o excedente de 90 pessoas do sexo feminino!!

Distribuição dos fogos pelos differentes sitios do Termo em 1840.

Cadaveiras........	4	Figueirinhas.......	1

Olheiro	1
Ribeira dos Moinhos	24
Monte Feio	3
Sancha.	1
Bebeda . . . . ,	2
Pedra da Gata e Val de Coelho	10
D'Alda e Pardieiro. .	10
Chavô	9
Palmeiras e Val de Marim.	11
Gamellas e Lagôas. .	7
Fontanal e Estibeiras	15
Provença Junqueira. .	34
Vald'Abilheira, Castanheiro.	13
Cravadas e Furninho	5
Quintas e baixa da serra	34
Val da roca, Burinho	36
Vargens, Sabroso, Ferrenho.	13
Porto Côvo, arredores	50

AGUAS.

Aguas thermaes não me consta que haja neste Concelho. Ha porem na Villa abundancia de nascentes frias perennes; nomeadamente:

Chafariz da Senhora das Sallas.
Dito das Bicas.
Dito de S. Sebastião.
Fonte na ladeira da praia.
Dita — rio grande — idem.
Dita inominada idem.
Dita no caminho que leva á Senhora das Sallas.
Dita da Silveira.

Todas estas vêas d'agua são extremamente limpidas e leves, e por uma analyse superficial apresentão todos os caracteres de boas.

A preferencia, que na Villa dão a certos chafarizes, parece-me infundada. O gosto, o areometro, o

sabão, os legumes, e a agua de baryte, nivelão-n'as. Nesta parte, tanto em abundancia, como em qualidade, Sines está bem servida.

A nascente da Silveira é um pouco ferrea. Exposta ao ar, a sua superficie não apresenta pellicula, mas o seu sabor é sensivelmente styptico. A infusão de chá carregada, não lhe muda a côr; a de noz de galha, dá-lhe a de violeta. Os reagentes fóra da nascente não a alterão.

Creio que pelo desleixo da Camara, na estação da chuva esta agua torna-se communissima pela mistura abundante da pluvial. O sitio em que rebenta é quasi inaccessivel pela immundicie, em que constantemente jaz empoçado. Por um carrilho torcido e de máo piso, bordado d'absintio chega-se a um charco, entrada da especie de gruta descoberta em que nasce a agua. Depois d'um estudo attento de lamacenta topographia, e de evoluções portentosas de equilibrio, faz-se *en avant* uma dezena de passos até chegar ao tenuissimo filete, que mana sobre uma pequena pia, que em nada desdiz do resto.

Ahi — a quatro! Debruços, collo esganado!

O esôfago faz de filtro. São dous minutos de asfyxia.

Que bello tonico!!

Quando pela primeira vez lá me vi, já fez dous annos, uma voz intima disse-me tristemente ao ouvido: — « Não zombes de quem aqui vem! Não caminhaste tambem tu 30 annos pelo charco de... para vir na gruta humida do desamparo beber um gôlo de desengano!!... *et ego sicut fœnum arui*...............
....

A Camara devia tratar cuidadosamente do aceio desta fonte. Sines é o unico ponto commodo de banhos para o Alemtejo. Raras são as pessoas, que delles pre-

cisão, a quem as aguas ferreas tambem não convenhão. Porque não hade a Camara aproveitar, facilitar essa dadiva tão digna, quão providamente a naturesa lh'a offerece? E se outra rasão não, estimule-a ao menos o *interesse* do seu Municipio.

Consta-me que as aguas do sitio chamado *Ferrenho*, a 3 leguas da Villa, são tambem ferreas, e muito mais que as da Silveira. Verdade é que n'uma garrafa, que de lá recebi, a noz de galha nada indicou; mas isso não prova que o não sejão. Qualquer agua medicinal, mesmo fortemente mineralisada, sendo transportada perde muito das suas propriedades. Os reagentes só merecem plena confiança empregados na nascente.

Na Villa ha mais 30 poços d'agua mui pouco selenitosa, e nos arredores haverá 15.

Nas maiores sêccas, Sines nunca tem falta d'agua. A Camara deve ter no seu cartorio, pelo menos uma analyse qualitativa (já que a quantitativa é aqui muito difficil) das aguas do seu Municipio. Logo que eu a possa fazer com vagar lh'a offerecerei.

Eis-aqui as ribeiras do Concelho:

Ribeira dos Moinhos a meia legua da Villa, nasce no Borbolegão, tem um quarto de legua de curso, desagua na praia do Lago. Direcção do sul ao norte. Ha sobre ella duas pontes, mandadas fazer pelos Srs. Samuel Pidwel e João de Jesus.

Ribeira da Junqueira, nasce para cima de Valclarinho e Castanheiro; tem de curso meia legua: desagua na praia de S. Torpes a uma legua da Villa. Direcção leste oeste.

Dita de Morgavel, nasce para cima do Rombo, e Porto de Raiz, cursa meia legua; desagua no fim da praia de S. Torpes. Direcção de leste a oeste.

N. B. Em cada uma destas se precisa de uma ponte.

Dita da Jordôa, continuação da dos Moinhos.

Torrente do Barranco da Bebeda, a uma e meia legua da Villa.

Corrente de Porto Côvo, desagua no mar. Direcção para oeste.

N. B. No barranco do Castanheiro, e na mesma herdade junto á cêrca, e na do Outeiro, tornão-se necessarios uns pontêlos.

ALIMENTAÇÃO.

A gente do campo alimenta-se quasi exclusivamente de couve, toucinho, legume, fructas e almece.

Ha lavrador que se remedeia menos mal, e cuja ôlha é verdadeiramente irlandeza. Eu li, não sei aonde, que St.º Isidoro chorava quando comia. Conheço muita gente que faz o mesmo. As pequenas cozinhas fazem as casas grandes. A frugalidade é uma necessidade e uma virtude; mas a mesquinheria é uma vileza. Comer pão ruim com alhos por avareza, por cainhez, é de gallego. A economia nunca foi sordida. A pobresa tem estomago, não tem paladar; mas o homem abastado que vive miseravelmente esfomeado na abundancia! que pelo motivo mais ignobil do mundo se vilipendia a vestir pobresa — a pobresa sagrada, o manto venerando do infortunio!!... Perdoai, meus dignos leitores, a preoccupação com que eu agora escrevia.

Na Villa come-se melhor e com mais variedade, especialmente de verão, porque de inverno ha dias em que não ha que comer. A gente necessitada vai ás lapas pelos rochedos. O uso do caffé está muito genera-

lisado até pela gente de maior penuria. O Termo é abundante de caça. No anno apanhão-se mais de 2000 coelhos (1).

De verão ha ás vezes tanta abundancia de peixe, que o desperdição. Não o sabem salgar como no Algarve.

Até nas casas as mais indigentes, pelo S. Thomé, apparece sempre o porquinho, ou raivado ou fiado ou criado com mil sacrificios.

Em Sines vive-se caro, porque o Concelho está destacado e é pobre: o logista aperta os cravetes do ganho, o marujo é mandrião, e a costa é brava.

O pescador come bom pão e não passa mal. Vende o peixe caro, ás vezes mais ainda do que se vende em Lisboa.

A costa é muito piscosa. Ha epochas em que o mar da Perceveira se coalha (litteralmente) de peixe: navega-se por cima delle.

As aves tambem não faltão, mas faltão os caçadores.

Gado suino. . . .	600	cabeças.
Vacum.	800	»
Lanigero	500	»
Cabrum	1500	»

COMBUSTIVEL.

Não ha falta deste artigo. A gente mais abastada queima carvão, cepa e pinho; a mais pobre vai ao mato, que fica perto, e queima joina, tojo, etc.

(1) Não atiro, porque ninguem tem arma de fogo senão algum privilegiado.

Ha na praia, chamada do Norte, uma pequena porção de turfa, disposta por camadas, de que ninguem aqui se utilisa. É visivelmente fibrosa, incinera-se muito, arde mal, e com um cheiro insupportavel de carvão de pedra.

Consta-me que ha della depositos mais abundantes no Termo (nos paúes) e mais puros d'areia. Eu não os vi.

MATAS.

Existem neste Concelho, pouco mais ou menos, 30000 pinheiros, dos quaes seguramente mais de dous terços são bravos. Tanto estes como os mansos são de pequeno corpo. Um pinheiro procero e bem feito é raro. A constancia e rijesa dos ventos dos quadrantes do norte crestão e enfesão aqui muito a vegetação.

O pouco cuidado dos donos das matas concorre tambem em grande parte para o acanhamento desta util conifera. O terreno é essencialmente pinifero. O pinheiro e a canna são indigenas de Sines. Uma grande parte do seu Termo é um baldio arenoso e esteril, que podia excellentemente ser aproveitado por 200 pinhaes. A Camara Municipal hade um dia entender a necessidade que tem de crear rendas proprias n'um Concelho que se sustenta quasi exclusivamente de contribuições. Um costeamento insignificantissimo abrir-lhe-ha em trinta annos uma mina inexhaurivel de riquesa e de alivio para os oneradissimos contribuintes.

Pez, resina, combustivel, pinhões, madeira e o vocativo unisono de 300000 arvores a chamar dos Ceos o orvalho benefico sobre o seu solo sedento! — E o Ceo, surdo ao opparato processional de ceroferarios e peni-

tentes, a deferir complacente o imperioso requerer do mudo e benemerito vegetal!

Eis as vantagens de tão facil cultura (1)

MONTADOS.

O *quercus ilex* é muito raro, assim como os carvalhos *(quercus robur)*. Destes talvez não haja meia dusia em todo o Termo. Exceptuando alguns *(quercus ballota)*, os sobreiros formão quasi exclusivamente os montados, d'onde se extrairão apenas umas 4000 arrobas de cortiça.

Nas diversas varas de porcos, que nelles pascem, com os que se crião na Villa, poderemos contar talvez 600 cabeças.

MOINHOS E FORNOS.

Existem neste Concelho 9 moinhos d'agua, 6 de vento (2 dos quaes contiguos á Villa), 3 fornos de cal, 6 de telha e 2 de pão (2).

A telha aqui feita é inferior: anda por 4$000 rs. o milheiro. A que vem de Lisboa e de S. Thiago anda pelo mesmo preço até 4$800, mas é superior em qualidade.

As asenhas moem todo o anno, e são movidas pelas ribeiras de Morgavel, dos Moinhos e da Junqueira. Descascão arroz uma grande parte do anno.

(1) Vid. o mappa. O pez, por pouco, não vale um orçamento.

(2) No campo, cada monte tem o seu forno. A cosedura d'um alqueire de pão regula por 20 rs.

Dos moinhos contiguos á Villa um está muito bem collocado, bem construido e aceiado. Raras vezes deixão de moer por falta de grão ou de vento.

A cal, que aqui se fabrica, é inferior á de S. Thiago. Este fabrico dá duas vantagens ao fabricante: 1.º, a da cal em si; 2.º, porque colhe os materiaes dos campos que circundão immediatamente os fornos, e pela facil expurgação dos carbonatos apenas semeados pela superficie, ou levemente sotterrados, aproveita grandes tractos de boa terra para cultivar.

Os fornos de telha coserão, uns annos por outros, 20 milheiros.

Os de cal, no mesmo tempo, 300 moios.

Os moinhos moerão 32515 alqueires de farinha, e descascarão 128 moios d'arroz; de milho, 9970 alqueires; de centeio, 4355.

Os fornos de pão (na Villa) coserão 30000 pães?

N. B. O Sr. João de Jesus Estrella deu-me urbanamente uma nota sobre todos os moinhos; das parcellas da qual resultão as sommas que ponho.

ARMAÇÃO DE PESCARIAS.

Desde data immemorial, cêrca do 120 braças da ribeira a 15 ou 20 de fundura, lança-se todos os annos uma armação em Maio, que se levanta em Setembro.

A Companhia, que a gere actualmente, compõe-se de 18 socios, cada um com uma acção de 120$000 rs. A despesa é de 800$000 rs. Os lucros livres, termo medio, são de 450$000 a 500$000 rs. N'um longo periodo contão-se alguns annos d'alcance, outros de 1:000$000 rs. de ganho. No seu serviço empregão-se 7 barcas e 21 homens.

Quando o peixe abunda no cêrco, a lancha, que está de vigia, dá signal para terra, e logo os rapazes aturdem as ruas da Villa com o secular e agudo grito de « *Abala, abala !* »

E em quanto todos se perguntão uns aos outros a qualidade e abundancia do peixe, os almocreves correm á porfia para a ribeira, para d'ahi a pouco regressarem, tambem a correr a qual mais póde, com cargas de peixe extripado, em direcção a Beja, Melides, Santiago, Cercal, Grandola, etc.

A Ilha do Pecegueiro, que demora tres legoas ao sul, seria, por avançado o ponto mais proprio para uma armação, se não fosse bordada de restingas e bancos, que, especialmente pelo lado do sul, assomão quasi ao lume d'agua. Digo aqui isto, porque me consta que houve quem se lembrasse della para esse fim (1).

Os marujos de Sines devem fazer um compromisso fundado em bases largas — um compromisso, que seja monte-pio e caixa economica — um compromisso, que dê alimentação, Facultativo, remedios, n'um revez de saude, e bolsa d'auxilio n'um de fortuna ; que dê independencia, dignidade, força e moralidade á corporação, soccorro posthumo á familia, uma realisação de

(1) Ainda este anno me lembro de ler, creio que na *Revista Universal Lisbonense*, uma exhortação para que se aprendesse geografia, lamentando-se a ignorancia em que todos nós estavamos a esse respeito ; e nesse numero ou no seguinte apparece S. Thiago de Cacem como *porto maritimo ! ! !*

O mappa do Sr. Vidal, que os papeis publicos tiverão a triste lembrança de recommendar ao publico, transpõe, altera tudo, por toda a parte, e de tal maneira, que parece uma cousa feita ás cegas !

Pois o mappa do Sr. Franzini ! Onde estaria o barco que se guiasse por elle ?

Et voilà comme on écrit l'histoire !

fraternidade. A difficuldade de muitas cousas consiste puramente no «*querer.*» Em se *querendo* fortemente, quasi sempre se *póde* (1).

A resolução de todos os problemas sociaes está no feixe do Schyta. Um compromisso é um feixe. O marujo isolado, doente, morre á mingoa de tudo. O marujo *compromettido* é um capitalista, rico de cem fortunas, Briaréo de cem braços, *hydra* de cem cabeças, stentor de cem vozes. O marujo de Sines não entende isto. — Faça um *compromisso*, e entenderá.

MEIOS DE TRANSPORTE.

Ha no Concelho:

Cavalgaduras maiores........	172
Ditas menores.............	158
Carros....................	115.

E ha tambem alguns almocreves e carreiros, que tra-

(1) Não ha ahi nessa Capital um Facultativo, que sinta em si uma pulsação da nova vida, que erga a classe desse tumulo egoista em que jaz; que se lembre que a velhice e a doença colhem mil vezes em indigencia a vida mais honesta e laboriosa; que se lembre que ha infortunios, que devastão todos os recursos, adversidades em que não ha lucta senão para succumbir; que saiba que a posição precaria do isolamento rebaixa a dignidade moral a especulações aviltantes, e a sciencia, nesse ermo avido, a um trafico immundo? Que saiba que a independencia é a escora de toda a moralidade; que saiba que um Facultativo é um homem, que a associação é um principio vigente da epocha, e que um monte-pio medico (instituição generalisada por toda a Europa) é uma das primeiras necessidades da classe? Quid exspectatis, nisi forte pudet, aut piget rectè facere?...

tão tão deshumanamente as cavalgaduras e bois, ou pondo-lhes cargas superiores ás suas forças, ou castigando-os com uma crueldade tão absurda, que revoltão d'horror.

Um homem que se invipéra assim tão ferinamente contra um pobre animal pacifico, que tem sempre mil rasões de desatinar, que trabalha toda a sua vida na mais horrorosa miseria e escravidão, que o veste, que o atura, e que mil vezes lhe dá de comer — este homem que atormenta e martyrisa o seu escravo quadrupede, é um tyranno despota e impio.

Mais besta que a que elle então tyrannisa mereceria bem que ella lhe ensinasse a ser homem, copiando-lhe a brutesa, igualando-o em feresa, explicando-lhe, e duramente, a lei de talião. E ás vezes assim é. Tal ha aqui que tem luctado de bravesa com muares a couce e á dentada, qual de baixo qual de cima. E este homem diz-se (contra todas as leis fysiologicas), que é manso e tratavel com os homens. Eu não sei se isso é assim. O que sei é que uma destas anomalias tem na sua naturesa uma poderosa, uma poderosissima rasão de desconfiança.

Plutarco, o pagão, sem as luzes do christianismo, mas com a rasão e coração de homem, exprobra eloquentemente a Catão o censor, Catão o sordido agiota, o vil e ferreo avaro, que chamava tyranno a Socrates, exprobra-lhe, digo, a sua cruesa e ingratidão para com os animaes.

Homens desalmados! Sois fagueiros com um gato que vos não ama, que para pouco vos serve; nutris um passaro para vos cantar, criais um peixe para recreio, um mono para vos imitar; e a um boi, a um cavallo, a um jumento, que vos enriquece, vos calça, vos transporta — a esses vossos socios de trabalho, bordões da vossa fraquesa, mariolas da vossa *aristocracia*, a esses páo, martyrio, ferocidade, truculencia!

Homens agrestes, mais irracionaes que os brutos, ignoraes acaso que os animaes são creaturas de Deus, como vós, e que se a intelligencia suprema vol-as doma á domesticidade para vos ajudarem na vossa incomprehensivel e penosa missão na terra, é só sob a condição de os utilisardes com pia humanidade, corrigindo-os sem os atormentar, educando-os sem crueldade, *matando-os por necessidade*, mas sem sevicia, que é e será sempre um indicio de má indole, e d'um natural pervertido e estupido?!

Será preciso que a Turquia venha a Sines dar lições de caridade?

Sabei, almas de verdugo, que entre esses barbaros ha hospitaes e asylos para os animaes enfermos, que a velhice impossibilita de procurarem o seu sustento.

Sabei que ha no mundo uma religião, que tem mais milhões de sectarios que os que vós sabeis contar, limpa de sangue de todas as feituras vivas de Deus!

E se isso não basta para vos emendardes, ide nas brenhas incultas aprender gratidão de leões, generosidade de elefantes, e entre piratas Beduinos e Tartaros, como se amão e educão os animaes uteis — ou renegai o nome benevolente d'homem, que tão insolente e atrozmente ultrajais, e o pio titulo de christãos, de que tão indignos sois!

Ha a este respeito em Sines factos tão atrozes e tão multiplicados, que estão acima de toda a exaggeração. A escandalosa impunidade com que elles se praticão é negramente indecorosa para a Camara e para todas as Auctoridades do Concelho.

Quis novit si spiritus filiorum Adam ascendat sursum, et si spiritus jumentorum descendat deorsum?... Si æqua utriusque conditio? (*Ecclesiast.*, 3, ỹ 21) (1).

(1) La Fontaine tem uma bella fabula do homem e da cobra, e outra de dous ratos levando um ovo.

Preço de varios generos e comestiveis.

	Rs.		Rs.
Arroz, arratel....	40	Bacalháo........	50
Farinha, alqueire..	450	Cebo...........	120
Trigo..........	440	Manteiga........	320
Cevada aveia.....	160	Assucar refinado..	100
Dita branca.....	240	Grão, alqueire....	800
Sal............	120	Aseite, canada...	400
Milho..........	320	Vinho..........	60
Centeio.........	240	Carvão, saca.....	400
Feijão branco....	800	Cepa, carrada....	1000
Dito carraça.....	600	Palha..........	3600
Vaca, libra......	50	Coelho..........	60
Carneiro........	40	Lebre..........	120
Porco..........	50	Gailinha........	240

Preço d'alguns jornaes, salarios e materiaes de construcção.

		Rs.
Pedreiro, por dia....................		480
Carpinteiro........................		480
Servente de pedreiro.................		240
Trabalhador de enxada, a seco..........		240
Criado de servir....................		12$000
Criada, id.........................		8$000
Cavalgadura maior, por dia..	480.. 300	600
Carro...........................		
Areia, carrada......................		60

Cal, dita com o porte................		2$500
Pedra...........................		160
Taboas de pinho, duzia...............	Pr.os de Lisb.a	
Ditas de castanho....................		
Taboões de casquinha.................		
Ripa............................		

CAMARA MUNICIPAL.

Uma Camara Municipal ainda hoje mesmo *apesar de tudo*, podia dizer com mais orgulho que Luiz XIV « L'État c'est moi » e não obstante, essa taboa de salvação da liberdade para ahi jaz, ou boia á toa, sem consideração, abjecta e escarnecida de oppressos e oppressores.

Eu não farei aqui uma ode chilra á virtude — já lá vai esse tempo. Só direi que as Camaras Municipaes não tem consciencia do que são — nem os Povos do que ellas devião ser.

Se a probidade de sentimentos fosse uma qualidade menos rara, mais real que nominal — se nós estimassemos os homens mais pelo seu *caracter*, pela sua *candura*, pela sua *sinceridade*, do que pelo seu *talento*, pela sua *fôfa oratoria*, pela sua *fina* e *velhaca expertesa*, nós seriamos então. . .

Reflecti a tempo.

A medida de Sines é maior que a de Lisboa 6 p. c. : 94 em Sines fazem 100 de Lisboa. Affirmárão-me porém que em 100 de Lisboa ha 8 de menos em Sines, e que em 100 de Sines ha 110 de Lisboa. Esta discrepancia provirá da segurança com que o primeiro informador me quiz noticiar, e da *exactidão* com que o segundo procedeu?

N. B. Aqui não se vendem tintas, oleos, etc.

Perdoai, meus dignos leitores a minha monstruosa parvoice!

O cives, cives, quœrenda pecunia primum,
Virtus post nummos; hœc Janus summus ab imo
Prodocet, hœc recinunt juvenes dictata senesque.
. . . .

Rendimentos certos.

Fóros a dinheiro.	127$265
Ditos a trigo, 24 alqueires costumão render.	8$160
Ditos a centeio, 8 alqueires	1$870
Rendimento d'afferições de pesos e medidas.	7$200
Dito dos carros que transitão pelas calçadas.	40$100
Dito dos barcos que entrão na calheta. . .	9$600
Dito da infracção de posturas.	10$000
	204$195

Impostos indirectos.

50 rs. em alqueire d'azeite — 100 rs. por cabeça de porco — 20 rs. por saca de carvão — 200 rs. por moio de sal — 5 rs. por duzia de ripa — 20 rs. por duzia de taboas de pinho, etc., etc., etc.	41$200
6 rs. em libra de carne.	82$000
Somma. . .	327$395

Transporte...	327$395
3 rs. em canada de vinho	132$000
Contribuição directa 4 por cento sobre a importancia da decima predial industrial	208$000
Laudemios	3$000
Somma total da receita......	670$395

Encargos certos do municipio.

Escrivão da Camara..................	50$000
Facultativo (1)	120$000
Administrador do Concelho	50$000
Escrivão do dito	50$000
Official de diligencias...............	9$600
Estafeta do Correio..................	24$000
Encarregado do relogio	10$000
Thesoureiro do Concelho	12$000
Professor d'ensino primario	20$000
Rodeira..........................	7$200
Amas de leite (termo medio) (2).......	201$600
	554$400

Incertos.

Expediente	2$800
Limpesa do Relogio	2$000
Somma...	4$800

(1) 150$000 rs. hoje.
(2) Vide o mappa no fim deste artigo.

Transporte. . .	4$800
Enxovaes para expostos.	3$840
Mortalhas	1$200
Covaes	1$440
Remedios	1$200
Arrecadação de foros a generos	900
Ao Procurador pela cobrança de dividas. .	4$800
Fontes.	2$400
Edificios publicos (da Camara).	12$000
Caminhos visinhaes do Concelho.	10$000
Decimas abandonadas aos foreiros	14$600
Terças nacionaes	60$000
Propina para a Universidade de Coimbra	4$053
Somma	665$633
Importancia total dos reditos. . .	670$395
Differença.	4$765

Decima de 41 a 42	736$168
» » 42 a 43	775$483
» » 43 a 44	912$704
» » 44 a 45	1:000$483
a 46	927$659
a 47	917$350
a 48	1:087$621

Este subir, este crescer annual d'imposto, é horroroso! O Concelho de S. Thiago, que vale vinte vezes o de Sines, paga tres contos de decima. E Sines, onde ha apenas um homem rico, e esse não d'aqui, Sines que não vale litteralmente seis casas de S. Thiago, paga 1:087$000 rs. Sines tem uma Freguezia. S.

Thiago sete. Sines paga *metade!!!* Esta desproporção não consterna, azeda, e irrita! Julgais acaso enriquecer o estado, empobrecendo a familia communal? — *The people are poor, consequently discontented.* Um jumento, que leva 1000 maçãs, tambem leva 1500, 2000, etc., e no fim, ou deita a carga fóra, ou morre debaixo della.

Leis em favor do Rei se estabelecem
As em favor do Povo só se esquecem!

A casa da Camara é um predio humilde. Nelle ha dous compartimentos ou divisões. N'uma está o escriptorio do Concelho, n'outra o archivo da Camara. O archivo da Camara! É uma arca comprida com um espaldar em fórma de banco de Igreja ou cousa que o valha! Ahi, 10 livros de sessões que remontão apenas ao anno de 1600, de capa engelhada de pergaminho e escripta intrincada de sulfato de ferro e a carta do foral da Villa, que está bem conservada, foi tudo que vi. A Camara deve mandar trasladar aquelles livros para letra legivel, e ir formando de espaço com exactidão e sem dispendio (no que lucrará honra e proveito) um tombo das suas propriedades. Terminaremos confessando que aqui, como em todas as terras pequenas, ha falta de homens habilitados para os cargos publicos, e que por isso as eleições andão como no jogo do Padre Cura — no entanto é innegavel que a Camara Municipal, apesar de desleixada, é uma das menos remissas que eu tenho conhecido.

Movimento dos Expostos no Concelho de Sines, desde 1836 até 1850.

Annos	Existencia	Entrárão			Fallecêrão			Mortalidade
		Varões	Femeas	Total	Varões	Femeas	Total	
1836 Dez.	8	3	1	4	3	2	5	12:5::100:41 $\frac{1}{3}$
1837	7	7	3	10	7	2	9	17:9::100:52$\frac{16}{17}$
1838	8	7	9	16	4	6	10	24:10::100:41 $\frac{1}{6}$
1839 *	14	6	7	13	5	6	11	27:11::100:40$\frac{26}{27}$
1840	8	6	4	10	5	1	6	18:6::100:33 $\frac{1}{3}$
1841	12	2	4	6	2	2	4	18:4::100:22$\frac{4}{18}$
1842 *	14	5	4	9	3	4	7	23:7::100:30
1843 *	14	3	2	5	2	1	3	19:3::100:15
1844 *	15	4	2	6	»	3	3	21:3::100:14
1845 *	17	1	6	7	1	1	2	24:2::100:8
1846	18	5	4	9	2	6	8	27:8::100:29
1847 *	19	8	»	8	4	»	4	27:4::100:14
1848 *	19	8	4	12	7	4	11	31:11::100:35
1849	19	1	»	1	1	»	1	20:1::100:5
Somma	»	66	50	116	46	38	84	

As differenças, que ha nos annos que levão asteriscos, provém da deducção dos expostos, que forão ou pedidos pelas familias ou entregues ao Juiz Ordinario.

Nos primeiros 7 annos a mortalidade foi maior, porque as *amas* andavão muito mal pagas. Nos ultimos não ha esta rasão, mas a mortalidade inda é assás subida!

As amas recebem regularmente tres moedas cada anno por quarteis.

Não me consta que haja um caso de infantecidio. Crê-se porém geralmente que a maior parte dos expostos a cargo do Municipio é dos Concelhos visinhos, para onde, em troca, mandão os deste. Parece que as mãis receão que os *ares* as denunciem, n'uma terra onde as confrontações se podem fazer trinta vezes no dia. A diarrhea e a pneumonia são as causas mais frequente da morte das crianças. O endurecimento do tecido cellular nunca foi por mim observado. As intermittentes e molestias do baço acanhão muito o desenvolvimento. Tenho visto crianças horrivelmente deformes a arquejar de fadiga com um ventre monstro tão lastimosamente enfesadinhas!... As amas são caridosas, pagas regularmente, vigiadas, ajudadas de Cirurgião e botica; não ha epidemias, não se acha facilmente um motivo immediato d'uma elevação tal de mortandade — e a voraz libitina a dar todos os dias uma força axiomatica ao proverbio de Lord Brougham sobre a infancia engeitada!...

É evidente que a *roda* é uma misericordia cruel, mas a sua suppressão, argumentadores numericos!... O coração vota aqui por instincto no immortal «*péris se*» da Assembléa Nacional!...

HOSPITAL DA MISERICORDIA.

O Hospital da Misericordia é um edificio menos máo, em que se dá o maior numero de condições hygienicas, que se requerem em taes estabelecimentos. Falta-lhe porém uma essencial. Falta-lhe um cano de despejo. A proximidade das Barracas ainda que attenúe, não destroe os inconvenientes, que d'aqui provém. A situação do edificio podia tambem ser melhor. A existencia dos Hospitaes no meio das grandes povoações, é uma imperiosa necessidade. A humanidade ganha com este sacrificio da hygiene. Mas nas povoações exiguas não ha distancias attendiveis. O Hospital deve ser destacado da povoação. Elle e ella ganhão com isso. Não entro em detalhes, porque seria repisar uma questão mil vezes tratada.

Devem-se louvores ao actual Administrador pela actividade e zelo com que se houve na construcção desta obra pia.

Debaixo do ponto de vista economico, o Hospital não está bem montado.

Tem necessidade urgente de muitos artigos indispensaveis, e *podia* e devia ser mais misericordioso.

Porque não tem o Hospital uma caixa de ferros, alguns dos instrumentos mais necessarios em casos de dystocia, uma banca de dissecção, encerados, ligaduras, camisas, etc.? A caridade não é dar uma cama ao doente, dar-lhe um Facultativo, ou uma mortalha; é acudir-lhe com tudo quanto é possivel. Se nos Hospitaes de Provincia houvesse mais philantropia, mais mi-

sericordia e mais illustração, Lisboa podia ter em muito pouco tempo um Hospital, que rivalisasse com os melhores da Europa.

Em casos extremos o edificio accommoda 100 camas. A principal salla leva bem 20.

Eis-aqui os rendimentos da Misericordia.

Foros e juros		101$660
Cereaes	Trigo	477 alqueires
	Centeio	45 »
	Cevada	19 »
Gallinhas		10
Frangos		3

Daquelles 477 alqueires, 126 são gastos no pessoal — 351 são livres.

O Hospital acaba agora de pôr uma Botica por sua conta, pagando ao Farmaceutico uma quantia que não póde ser inferior á de 12$000 rs. annuaes, e que eu não comprehendi na despesa antecedente.

Uma tal innovação póde ser muito boa, mas não parece!

Os rendimentos incertos podem ser calculados entre 26 e 30$000 rs.

Mappa do movimento nos cinco annos mais proximos.

Anno	*Militares*	*Da Povoação.*		*Total*	*Mortos*	*Sahidos*
		Sexo mascul.	*Sexo femenin.*			
44	15	28	5	48	2	46
45	33	29	3	65	6	59
46	12	24	13	49	2	47
47	27	16	5	48	1	47
48	49	22	7	78	6	72
Somma	136	119	33	288	17	271

A mortalidade é pois proximamente de 1 para 17, ou de 5,92 sobre $\frac{o}{o}$, o que não admira, porque quasi todos os militares entrão com intermittentes, e os da povoação com molestias chronicas ou cura demorada, ou não são recebidos, ou são enviados para Lisboa.

Excluindo os militares, a mortalidade é de 1 para 10 nos cinco annos.

IGREJAS, CEMITERIOS E IRMANDADES.

Na Villa ha tres Igrejas, nomeadamente Santa Isabel, sita na Praça, pequeno Templo, aceiado e decoroso, — a Misericordia, na rua da Praça, Capella ordinaria, e a Matriz, fronteira ao Hospital.

Para fallarmos a verdade, a Igreja parochial de Sines não é senão um barracão, um *delubro*, pouso favorito do chilrante pardal.

Afóra as reliquias do milagroso S. Torpes, de que resão os livros, e que eu não vi, não tem nada de curioso para o leitor. Ha mais nos arredores, e no Termo as seguintes Ermidas: — St.ª Catharina, S. Pedro, S. Marcos, S. Sebastião, S. Bartholomeu, Senhora dos Remedios, e uma Ermida no Porto Côvo, e a Senhora das Sallas.

Sobre esta lê-se no Tombo já citado o seguinte: — «Achou elle Provedor que fôra esta Igreja mandada edificar pela Rainha D. Batassa de Grecia no tempo que desembarcou nesta Villa, e que era da ordem pelo Tombo da visitação, e que pela mesma visitação da ordem estava mandado que se não edificasse n'outra parte, e que a dita casa estivesse sempre onde ora está: e tinha esta Ermida algumas propriedades, as quaes todas se diminuírão, como erão hortas e vinhas, e tudo está campo raso, por isso se não lançou neste Tombo, por tudo estar feito a areial barroca.»

A Senhora das Sallas é uma linda e elegante Ermida a 3 minutos da Villa, bem conservada, bella de simplicidade e aceio. Gostei de a vêr. No seu modesto frontespicio, que olha ao poente, relevão-se dous lavores circulares. No da esquerda lê-se em gothico este letreiro:

« Esta casa de nosa S.ra das Salas mandou fazer o m.to manyfico S.or dõ basco da gama cõde da vidig.ra almyrãte vyse rey das yndias.
foy fẽa no ano do noso S.ro jhũ apõ de 1529. » (1)

No da direita vê-se o escudo d'armas da casa do Almirante (hoje de Nisa) que são dez escaques de ouro, e vermelho, tres peças em faxas, e cinco em palla, e as peças vermelhas acoticadas com duas faxas de prata, e no meio um escudete das armas reaes, que fôra accrescentado ás antigas armas dos Gamas por El-Rei D. Manoel depois do descubrimento da India; assim como lhe foi mudado o timbre (que d'antes era uma gama) em um Nayre da cintura para cima, vestido ao modo da India com um escudo das armas na mão. (2)

A entrada desta Ermida tem suas pretenções architectonicas.

O que nella ha de notavel são umas columnas — salomonias? bysantinas? de bello *pudingue.*

Dentro pendem varios quadros (ex voto), promessas de naufragados, e dous retratos de Vasco da Gama.

O maior e mais moderno é offerecido pelo Ill.mo Sr. Jacintho Falcão Murzello de Mendonça. Disserão-me que era obra do Sr. Roquemont.

Não sei se é cópia fiel, se é original de fantasia.

(1) Vasco da Gama morreu em 1524: mandou fazer a casa em 1529. É uma ordem d'*outre tombe!*

(2) Supprimimos aqui as gravuras, que representavão estas armas, as dos Gamas, e as dos Condes da Vidigueira; porque *à priori* e *à posteriori* nos demonstrárão, que deviamos ser economicos, e que Juvenal tinha rasão:

Stemmata quid faciunt? Quid prodest... longo sanguine censeri, pictosque ostendere vultus Majorum...?

O que sei é, que em nada se parece com os retratos, que tenho visto. Se me não dissessem, que aquelle era Vasco da Gama, eu dizia, que era um socialista revolucionario, Catilina audacioso, vivamente illuminado.

Costumado a vêr o rosto carregado, o aspecto merencorio do Grande Descobridor, fiquei estupefacto ao vêl-o gentil-homem supercilioso de minaz galhardia, e palaciano, e loução, e. . . completamente desparecido.

Bem sei que *omnia fert œtas, animum quoque* — mas. . . Como pintura parece um bello quadro *a quem não fôr entendido, e tenha a sinceridade de o confessar*, Como retrato hade haver, ou ter havido alguem, com quem elle se pareça mais ou menos. Atrevo-me a asseverar isso aos meus dignos leitores.

Todos os annos, em Agosto, vem de Lisboa dous Gallegos, um com um tambor, outro com uma gaita de folles. E agora todo o gentio do Concelho de Sines accorre a ouvir o ingrato concerto, e a dar devotamente tudo quanto póde para a festa da Senhora. Juntão-se cento e tantos mil réis, que são gastos em fogo preso, em medidas, missa, sermão, etc.

É um arraial, uma vigilia, um mercado com o seu cru e competente cachação, e com o seu competente murro secco.

Concorrem á festa talvez as suas 3000 pessoas.

Ouve-se a fio a eterna gaita de folles zangando céos e terra, admirão-se estrepitosamente as lagrima dos foguetes, as suas *respostas* e brilhante faiscado — no fim de toda esta ruidosa admiração, e de tudo isto o gentio retira, e a Villa cáe na sua antiga solidão ao 16 d'Agosto.

Ao fogueteiro	50$000 rs.
Ao gaiteiro	12$000 »
Somma. . .	62$000 »

Transporte. . .	62$000 rs.
Para medalhas	30$000 »
Missa, sermão, etc.	108$000 »
Somma. . .	200$000 »

A renda da Senhora monta apenas a 33 alqueires de trigo.

Como da vida se vai para a morte, da opera para o Hospital — o leitor tambem irá comigo, sem grande custo, em linha recta da festa para o Cemiterio.

O Cemiterio da Villa é insufficiente e pessimo, não tanto pela pequenez da sua área, como pela sua séde, e pela naturesa do terreno.

Contiguo á Matriz e ao Castello, ao pé d'um dos sitios mais frequentados de Sines, assenta em grande parte sobre rocha e saibro. E ainda que hoje deitem cal virgem em todas as covas, e apressem assim a decomposição dos cadaveres, sempre o local continua improprio de tal recinto. As Auctoridades de saude nunca deverião ter consentido em tão má escolha.

Hoje a Camara já está auctorisada para traçar um novo Cemiterio, e bom será que o possa fazer quanto antes.

Existem aqui 3 Irmandades. A da Misericordia com 48 irmãos. A dos Terceiros com 40 e a do Santissimo.

Já n'outra parte démos as rendas da 1.ª As da 2.ª são: 75 alqueires; 15 de centeio; 60$000 rs. a juro; 3$600 de fôro, e a pitança de um bacoro. Despesa obrigada 30$000 rs.

As rendas da 3.ª são: 358$500 rs. no anno de 1848 a 49. A despesa obrigada é de 137$000 rs.

O numero dos irmãos do Santissimo é de 20.

O dinheiro das Irmandades não poderia ter melhor applicação? — Diga-o o leitor.

Transporte	296
Constipação de ventre.	5
Catarrho chronico.	6
Erysipella fleg.	10
Dita pustulosa	1
Scrofulas.	3
Pleuriz (pleuresia)	2
Hemorrhagias pulmunares.	3
Hypertrophia do coração.	1
Aneurisma da Aorta ?	1
Suppressão de transpiração	20
Paixão erotica	1
Otorrhea	1
Otite	5
Hydropisia	14
Phymosis	1
Feridas simples	18
Sciatica	3
Fistulas lacrimaes.	4
Ditas urinarias	1
Dita anal.	1
Cholera sporadica	3
Ulceras diversas.	8
Pleurodynia	3
Tænia.	1
Ascarides lombricoides	11
Hypochondria ?	1
Gastralgia	2
Sarna.	2
Herpes Zona	1
Herpes prepucial	1
Oxyuros vermiculares	1
Calculos urinarios.	1
Somma. . .	432

Transporte. . .	432
Angina tonsillar	6
Prurigo	2
Hystos superficiaes	2
Lobinhos	5
Metrites.	2
Cystite aguda.	2
Splenite.	2
Hepatite chronica	3
Partos laboriosos.	4
Leucorrhea.	3
Sycosis.	1
Ephidrose periodica.	1
Ecsema impetiginoide.	1
Impetigo larval.	1
Luxações	4
Pustula maligna	1
Fracturas.	2
Rachitismo.	2
Dysenteria chronica ?	1
Anasarca	2
Tosse convulsa.	1
Commoção cerebral	1
Necrose.	1
Furunculos, erythemas, nevralgias fugases, queimaduras de 1.° e 2.° gráos, gangrenas locaes, contusões e diversas outras molestias de diagnostico incerto calcúlo, pelo menos.	50
Total. . .	532

Couberão-me em sorte 40 mortos ! ! !

« Mes malades jamais ne se plaigment de moi,
Disait un Medecin d'ignorance profonde :
« Ah ! repartit un plaisant, je le crois,
« Vous les envoyez tous se plaindre en l'autre monde ! »

A dose fui acompanhado, ou seguido *immediatamente* da Santa Unção.

Dois morrêrão rachiticos. Um era de mama; outro tinha 4 annos. A um não se fez nada do que eu recommendei — a outro não se chegou a fazer.

Seis, morreram tysicos — sem appellação nem aggravo. Só dous com diarrhea colliquativa.

Um, com ascite. Retirou da Villa por não gastar dinheiro. Ia melhor. A mensuração dava 4 dedos de menos em 10 dias de tratamento.

Um, com febre perniciosa — ao 3.º accesso. N. B. Os pais *não consentírão* na *administração do sulfato de quinina, posto que* se lhe affiançasse *morte certa.*

Tres, com hemorrhagias pulmonares. Todos os tres de recahidas. Um dado excessivamente a bebidas alcoolicas. Outro com 55 annos, e outro cachetico.

Um, anasarca com gangrena.

Tres, pneumonicos. Um quiz por força casar ainda convalecente para... morrer. Outro, já livre de perigo, bebeu agua d'azeitonas, e comeu seis maçãs, ou laranjas para se refrescar.

Um, de febre tyfoide. Era uma mulher de 60 annos, apaixonada pela ausencia do seu consorte.

Um, velha de 70 annos. Vi-a tres vezes, não sei de que morreu.

Um, de erysipela pustulosa. Tinha 60 annos — morreu horrivelmente deforme. Abri-lhe tres tumores profundos.

Um, de cystite aguda, foi tratado com todo o esmero.

Dois, de febres eruptivas.

Um, de bronchorrhea. Era uma mulher de 60 annos, e catarrhosa havia 20. Chegou a expectorar duas libras por dia.

Um, de febre-hetica.

Um, de dysenteria chronica? Sobre o capitulo desta doença andei sempre incerto. Primeiro, suppuz tenia; depois tuberculos mesentericos, d'ahi dysenteria. Ainda não sei de que morreu. Consultei os meus amigos Dr. Faustino e Freixo. Achei-os tambem em duvida. O doente tinha perto de 70 annos.

Um, de... 80 annos. Estava cyanosado. Tinha as arterias radiaes ossificadas — paralysia de bexiga, etc. Declarei-o logo morto. Foi o primeiro doente, que aqui vi!

Bom agoiro! Boa estreia! Dites donc, Messieurs,

« La preuve qu'il ne fut jamais mon Medecin
« C'est que je suis encore en vie! »

A mortalidade foi pois de 7,5 sobre % ou arredondando de 1 sobre 14.

Se é que a Medicina presta para alguma cousa, como muitas vezes me tem parecido (e como muitas vezes me não tem parecido), calculando em proporção inversamente composta, teremos que para morrerem 160, 40, ou 120 pessoas, devem ter adoecido pelo *menos* 200 pessoas não tratadas, que, juntas ás que eu tratei, sommão pelo mais *arrastado* o sexto da população. Se me não engano nesta maneira de calcular. O Concelho, onde cada anno adoece o sexto da população, poder-se-ha chamar extremamente sadio como aqui é geralmente acreditado?

A mortalidade em Lisboa, onde tantas circunstancias concorrem para a augmentar, é de 3,4 sobre %.

A mortalidade em Sines, que passa por um Concelho sadio, é de 3 sobre %, ou de 1 sobre 33,3!! Sendo 80 o numero dos mortos, annualmente.

Se a estatistica do Districto d'Aveiro é feita com a consciencia com que eu escrevo, a mortalidade nelle é 1,8 sobre % em 1847, ou de 1 sobre 55, ou de 3 sobre 166. O que quer dizer, que de 500 pessoas

morreram 9 no Districto d'Aveiro; e em Sines morrem 9 de 300!

Mas — uma pergunta ao Publico. A estatistica do Districto d'Aveiro será feita como o Mappa do Sr. Vidal? — Vejão lá isso.

Um Concelho póde-se comparar com um Districto? Eu digo que sim. (1)

Os Facultativos da Capital não sabem nada de medicina aldeã, pensão que todo o mato é ouregãos. Pois meus Senhores, isto é outro mundo. O doente lucta em quanto póde, e quando agonisa chama a Santa Unção e o *Official de saude.* « *Aqui já não ha esperança, tome lá este cadaver!* Se o cadaver revive « *Io! triumphe!* » Vai-se descalço á Senhora das Sallas cumprir a promessa, e o *Official de saude* vôa nas asas da fama á cathegoria de *virtuoso.* Feliz mortal! Então chamão-lhe *Beneficiado*, *Doutor*, *Mestre*, *Licenciado*, e tudo que lhes lembra.

Se o cadaver se enterra, ai do misero! Já não é *Mestre*, é *cristalleiro*, *coveiro*, *tumba*...

O que fará neste caso o miserando Facultativo? Improvisa uma sciencia nova. Equilibra-se como saltimbanco no fio d'um prognostico *à deux tranchants* nos casos communs, e nas occasiões solemnes recolhe-se na pouca sciencia que tem, encommenda-se a Deus e joga o *dado* do destino.

Se mal-logrou o lance, está perdido. Se ganhou, está salvo.

Digo isto porque foi o que me aconteceu. A minha tal, qual reputação nestes arredores não a devo á

(1) Bom será aqui declarar, que sendo preciso para tirar alguma duvida, eu posso citar nominalmente todos os doentes da lista que apresentei. Isto quer dizer, que eu fallo dessassombradamente a verdade.

sciencia, que não tenho, mas ao instincto que a suppre, e á minha boa fortuna.

Homens de sciencia e de consciencia, que tendes um publico, que vos aprecia, vós não fazeis idéa da dolorosa miseria desta posição! Mas os meus collegas provincianos, que passão por ella diariamente são os que hãode entender bem o que eu não digo. . .

. . . .

Tornemos ao nosso proposito. As quadras do anno mais mortiferas são o outono e o hinverno, e a classica asserção, de que os habitantes do campo vivem mais do que os da Villa, aqui não se verifica. Em geral a gente do mar é a mais sadia. Dois terços da população ruricola estão votados a uma morte prematura. A mocidade não tem verdor — a velhice é cachetica. Um grupo d'homens do campo *pâle et blafard* é um volume de molestias chronicas.

De que provém esta falta de salubridade n'um Concelho varrido de vento norte nos tres quartos do anno, assentado n'uma charneca plana e arida, e fóra apparentemente de influencias deleterias immediatas? Não sei. É uma declaração candida.

É verdade que a temperatura em Sines baixa muito ao pôr do sol; é verdade que nas visinhanças do mar a atmosphera se impregna mais facilmente de humidade, e que a atmosphera humida e fria não é favoravel aos orgãos thoracicos; é verdade que a meia legoa de distancia da Villa existem dous paúes e um riacho, e um pouco mais distante varias ribeiras e alguns arrosaes cultivados por inundação; é verdade que a vasta praia chamada do Norte, que fica a um quarto de legoa da Villa, exhala na vasante um cheiro putrido de hydrogenio sulfurado, e d'outros gazes de decomposição organica, que vicião sensivelmente o ar (lá ao menos); é verdade que as habitações ruraes são pela maior parte ou fabricadas de

taipa apenas com um revestimento de cal, ou novas e revendo ainda a humidade dos sitios d'onde os materiaes se extraírão, ou mal telhadas, ou desabrigadas e mal assentes á borda das ribeiras e terrenos brejosos, ou no meio d'arvoredos; é verdade que a vida campestre é mais exposta que a urbana ás vicissitudes atmosphericas; é verdade que a parte da Villa chamada Aldêa dos Cucos é toda tambem fabricada de materiaes hygrometricos e de data recente; é verdade que a Villa não tem latrinas e que ha nella sitios d'humidade permanente; é verdade que não ha todo o aceio que podia haver nos quintaes, e que o Cemiterio e o Hospital estão dentro da Villa; é verdade que os vinhos são falsificados com gesso ou com alcool, e que a alimentação do maior numero nem sempre é sufficiente e variada; é verdade que a ignorancia entra tambem como a pobresa, e *fortemente*, na etiologia das doenças. Tudo isto é verdade, mas nada d'isto nos explica satisfactoriamente a insalubridade do Concelho.

O solo arenaceo secco, a ventilação permanente, as aguas optimas, a alimentação sadia, a *miseria* rara, o trabalho moderado, tem um grande valor como opponentes a todas aquellas circunstancias.

Qual é pois a causa principal, que nos escapa?

Não quero dizer com o que vou aventurar que qualquer das que mencionei não concorra com o seu tanto para o mesmo fim, mas só que todas ellas me parecem insufficientes: falta uma principal, e essa talvez seja a *má* visinhança.

Sines tem de nordeste a leste as Freguezias de Melides, St.º André, e S. Thiago. E é daquelle primeiro rumo que o vento sopra mais constantemente (1).

(1) Eu peço licença ao leitor para inserir aqui um trecho historico, que se liga immediatamente ao assumpto. O leitor hade recordar-se que nos fins de Junho do corrente an-

Pelo theor da nota junta ver-se-ha claramente a possibilidade de se verificar esta minha opinião. Nem eu gastarei tempo em a demonstrar, porque me parece ocioso. Só deixarei aqui consignado que na mesma epo-

no correu em Lisboa que havia cholera em Melides. O Governo Civil entendeu que os Facultativos de Grandola, que dista daquella Aldea duas legoas, estavão mais distantes que os que existião a cinco em Sines. Como nada ha mais facil que mandar, eu fui intimado para ir examinar, *sem perda de tempo*, a epidemia, que alli grassava. Eis-aqui em resumo a exposição que fiz a este respeito:

« Quaes são as causas mais provaveis da doença? — Será a visinhança de duas grandes lagôas, em cuja longa circumferencia se decompõe uma grande abundancia de materias organicas, cujos miasmas deleterios inficionão o ar causando uma especie de envenenamento, criando um *malária* variavel como as estações, e mil outras circunstancias? Serão as plantações, uma especie de lago continuado pantanoso, onde, por assim dizer, vivem enlodadas as duas Freguezias (St.º André, Melides), que reforção aquelles effeitos, especialmente agora debaixo d'um sol ardente, d'uma temperatura elevada, em que a vasta evaporação daquelles charcos se deve fazer em maior escala? Serão estas cousas todas, ajudadas ainda por uma alimentação insufficiente e quasi exclusiva de pão e almece, de que usão nesta estação os habitantes do campo?

« *Symptomas.* — Calafrios, dejecções variaveis em côr, frequencia e abundancia, vomito negro, câimbras dolorosas e atrozes nos braços e pernas, pulso pequeno, prostração geral, olhos bordados d'um sulco livido, facies cadaverica, frio glacial, dejecções esbranquiçadas, morte.

« *Progressos.* — 250 atacados em 33 dias. Mortos 33. Em 37 tratados, 7 mortos. Em 213 não tratados, 30 mortos. Mortalidade igual em tratados e não tratados. N. B. É para notar que quando a epidemia começou a apparecer em Melides recrudesceu a cholera morbus na Europa. »

Depois de diversas considerações sobre o caracter, tratamento, etc., terminava assim:

« Pelo que de relance tenho podido colher d'algumas Freguezias do Concelho de S. Thiago, devo dizer a V. S.ª que em geral aquelle Concelho me tem parecido muito insalubre. As febres intermittentes são alli endemicas: as plantações

cha do andaço de Melides, grassava por todo o Concelho de Sines uma dysenteria sem caracteres tão typhicos, mas epidemica e teimosa.

Supprimindo as obvias, as conclusões mais impor-

d'arroz que por elle se tem generalisado ha um certo numero d'annos, tem, é verdade, augmentado a riquesa de seus habitantes, mas ter-lhes-ha ella feito o mesmo á saude? É esta uma interrogação a que os habeis Facultativos daquelle Concelho devem responder. Esta questão, que entre nós está *quasi* virgem, parece-me digna da seria attenção d'um Governo illustrado. Pondo de parte as theorias palavrosas a que a sciencia está infelizmente reduzida, tanto neste como em outros muitos pontos, era muito facil ao Governo resolvel-a pelos factos. Auctorisando os Facultativos das differentes terras, onde se faz a cultura do arroz, para poderem obter dos Parochos a mortalidade annual e a população desde um certo tempo anterior á tal cultura até hoje, podião-se colher por um mappa confrontativo, onde estivessem notados os progressos daquella cultura, e quaesquer outras circunstancias attenuantes ou concurrentes, qual era a influencia boa, má ou nulla que taes plantações tinhão tido na mortalidade dos diversos pontos. A sciencia, apoiada nesta base, discutiria no verdadeiro caminho, e podia então solidamente assentar conclusões d'um grande valor economico e sanitario. Digo isto, porque a cultura do arroz, nos sitios em que se faz, é para o geral dos Facultativos, e mesmo para os que o não são, em questões de mortalidade uma rasão d'algibeira e um troco prompto. »

Tudo são emanações putridas, miasmas pestilentes, decomposições palustres, e mil frases desta laia, que eu emprego como todos, e de que, como todos, não sei se abuso. O que é facto é que tirando eu a mortalidade em Melides desde 1810 até 1849, vejo que se não confirma a tal malefica influencia dos arrosaes. Bom seria por isso que o *à posteriori* viesse sanccionar ou refutar o *à priori* em tão importante assumpto.

N. B. É opinião geral entre os homens do campo que os *ossos* dos que trabalhão dentro dos arrosaes são differençados dos outros. O que eu tenho notado é que os que lidão naquellas inundações são sujeitos a dores subitas nos membros inferiores com grande tumefacção que se termina por abundantissimas suppurações de pessimo caracter.

tantes, que, do que deixamos dito a este respeito, se podem tirar, são:

Que a Camara Municipal deve cercar o arco suspeito de norte a leste de pinhaes e outros arvoredos que abriguem a Villa e o Termo dos ventos deste quadrante.

Item: que deve criar uma postura fortemente comminativa contra os falsificadores do vinho pelo sulfato de cal, demonstrando a toda esta pobre gente que se deixa incrustar de gesso, que a troco d'um travo aspero e visagento ella não compra ao suor do seu rosto senão a insaciavel polydipsia que depois os devora.

Item: apressar a remoção do Cemiterio para fóra da Villa; porque todos os sacrificios que se fação para esse fim são amplamente compensados pelas vantagens resultantes.

Item: que o Governo deve mandar estudar por pessoas competentes e imparciaes as vantagens e desvantagens da existencia das albufeiras de S. Thiago e Melides, e os meios mais economicos ou de as salubrificar, ou de as seccar em caso necessario; e todos os demais meios que tenderem a melhorar o insalubre Concelho de S. Thiago. — É opinião geral nesse Concelho que os annos em que a lagoa *não vai ao mar* são os mais doentios. O Governo deve mandar estudar e apreciar essa opinião que parece em parte rotineira á vista do que ha escripto sobre as lagoas d'Italia, e da malefica influencia da mistura da agua salgada com a doce.

Item: mandar pelo meio proposto, ou por outro que melhor seja, estudar a influencia dos arrosaes sobre a sanidade local, e onde poderá ser substituida a sua cultura pela irrigação.

Item: que desde já o *Regimento* dos Farmaceuticos, pelo menos nos sitios onde reinão endemicamente as febres palustres, seja alterado no preço das sustancias

6 *

antiperiodicas para as pôr ao alcance de todos. O preço elevado da quina e dos seus alcaloides é uma causa sim *remota*, mas *fortissima* de mortalidade. Todos tem medo do sulfato *pelo custo*. Uma povoação pobre adynamisada, envenenada pelas intermittentes, nunca póde ser vivaz.

A humanidade reclama altamente contra as pretensões absoletas de polyfarmaca saudade!

Os Farmaceuticos devem ser os primeiros a requerer essa alteração, *pelo seu proprio interesse*.

Já dissemos que havia aqui duas Boticas. Uma dellas, a mais antiga e mais frequentada, está soffrivelmente sortida para o local. A outra mais recente tem pouca freguezia. Sines não sustenta uma Botica e muito menos duas. Sines, repito, é uma Villa pobrissima, onde se vive e se é obrigado a viver *fiado, au jour le jour*. Assim vê-se o Farmaceutico feito Escrivão, e o Cirurgião, *comme le voici*, escriptor de *nugas*. O Boticario não tem partido da Camara. O do Cirurgião é de 150$000 rs. *agora*. Com o pulso livre fará, *sem vexar*, 300$000 rs.? — Não. É a affirmativa mais conscienciosa que eu tenho escripto.

Fecharei este longo artigo declarando que as Parteiras d'aqui são d'uma ignorancia supina. Fallão obstétrica como « *three labourers of Babel*, como Adão fallava Dinamarquez, como. . . — Critica farsante e chocarreira! Agradecei a reticencia á ratice Hudíbrica de Butler, que me fez agora rir de vós! — de vós! que nem isso mereceis!

POLICIA.

Ha 50 cabos de policia no Concelho de Sines, isto é, para 13 fogos, 1.

Leitores, entre um cabo de policia e um cabo de *ordenança*, que differença ?!

E não tem o vulpino Metternich rasão de inscrever o genero humano no seu circulo *fatalmente* despotico? Eu creio que sim.

Eramos antigamente escravos, e eramos mais livres do que somos. E o que somos nós hoje? — PONTEIROS DO MESMO DEMONSTRADOR.

Burke chamou ao Povo « swinish multitude. » E qual é o primeiro dever d'um membro « of the swinish multitude? — perguntou e respondeu um Inglez espirituosamente. — TO SAVE HIS BACON.

Deixemo-nos por tanto de politica e continuemos com o nosso pacifico artigo de policia.

A Camara de Sines tem entendido, e muito bem, que o melhor meio de salubrificar uma povoação é calçar todas as ruas.

Em quanto ao despejo das immundicies, mais vale que ellas se decomponhão á luz do sol, *extra muros*, do que subterraneamente, como em Lisboa e n'outras Capitaes, no meio da população, com respiradouros nas ruas para todos os gazes deleterios. De maneira que os canos ahi são feitos mais para lisongear os olhos, roubando-lhes o asco de vêr porcarias, do que para garantir a saude, purificando o ambiente de ruins emanações. . .

Bom será aqui lembrar á Camara, que o caminho que leva á Senhora das Sallas, ahi onde termina a calçada e começa o areal, precisa urgentemente de reparo. O transito não é só difficil, é arriscado. Não é só n'uma certa occasião que aquelle sitio é transitavel.

Um reparo interino só offerece uma melhora interina. Precisa-se d'um concerto cabal e permanente, porque a difficuldade e o risco tambem são permanentes. Cada carreta paga um tanto á Camara — para que?

Para ser precipitada da rocha, ou ficar encravada no areal? — Seguramente não.

O contribuinte paga á Camara dinheiro. A Camara deve ao contribuinte segurança, facilidade de transito, e justiça.

Os Povos antigos fizerão dos marcos Deuses. Os Romanos tinhão o seu Deus Termo; e eu ainda não sei bem o que erão os Dolmins dos Druidas. O que sei é que a *propriedade* devia ter sido acatada com mais zelo em toda a parte para não ser hoje atacada com *furor*, e o leitor dirá se com rasão.

A Camara deve vigiar cuidadosamente as demarcações e lindas.

Os particulares roubão todos os annos terreno publico. O corcovo e o bolso do vallado e do muro cresce annualmente sobre as ruas e as estradas.

Cada um gisa o seu quintal como quer, e d'ahi chama *seu* ao terreno circumscripto, que vai augmentando á formiga, nos reparos, que se fazem nos vallados d'areia.

As saidas da Villa, especialmente para o lado de leste e sueste, d'hinverno são atoleiros. Ha na estrada de Beja um pedaço argiloso, que é um verdadeiro sorvedouro, e precisa d'uma calçada boa.

A Camara deve olhar com attenção para tudo, que respeita á saude do seu Municipio.

O vinho, que o Povo bebe, é de pessima qualidade, manifestamente viciado por gesso. É uma fraude dupla e altamente criminosa a que defrauda a bolsa e a saude.

A Camara deve ser severa contra tal attentado, para que lhe não digão que tão criminoso é o perpetrador como o consentidor.

Talvez no pão, que tenho comprado, já tenha encontrado fécula de batata. É uma fraude innocente.

Mas é uma fraude; mas eu não quero comer batata, quando compro pão.

Preconise embora a chimica as suas maravilhas de panificação, etc., nós zombâmos e zombaremos della em quanto o nosso olfacto discubrir no ar o que as suas analyses eudiometricas não descobrem — em quanto o nosso paladar e o nosso estomago protestarem contra ella que o pão melhor e o mais saboroso é o fabricado da flor da melhor farinha. Ninguem quer comprar batata pelo preço da farinha de trigo, nem agua com gesso pelo do çumo fermentado da uva.

O açougue da Villa senão é uma espelunca dos Mysterios de Paris, como o são quasi geralmente os nossos açougues, tambem não é uma casa aceiada, como devia ser. Tem mais de repugnante e de immundo, do que de limpo e agradavel. Se o Povo é mal servido no açougue, que lhe importão a elle os escandalosos conflictos, que ahi por mais d'uma vez tem havido entre as auctoridades do Concelho sobre attribuições policiaes?

Ao Povo o que importa é que ahi não haja preferencias, senão as justas e devidamente compradas: importa que o osso seja rateado pela carne de todos, que comprão pelo mesmo preço, e não vendido caprichosamente a uns, com attenção a cathegorias de dinheiros e d'auctoridades; importa que os dias e horas do talho sejão fixos e não á vontade do vendedor; importa que a rez tenha sido morta com tal antecipação, que nem vá escorrendo sangue para a balança, nem começando a putrefazer-se, como tem acontecido; importa-lhe que seja ouvido o Facultativo do partido sobre a rez suspeita, porque, em caso de duvida, a saude geral prefere ao interesse particular. Faça isto uma auctoridade, seja qual fôr. Para o Povo isso é uma questão de nome. E se a lei não é clara sobre certas

attribuições, *claro é* que se poderá aclarar n'alguma parte, que não seja açougue.

Puniremos este artigo, como mais atrevidete, fechando-o na Cadêa.

Eu devo porém prevenir desde já os meus leitores que eu prefiro o exilio a qualquer Cadêa, e a forca a algumas.

Diz o proverbio: — « del dicho al hecho va gran trecho. » — Mas Deus me livre de ser preso por longo tempo, porque me parece que me. . . porque é certo que me tornaria um homem máo, odiento e feroz . . . e sabe Deus como eu já sahi solto, e via o ceo e o sol, á larga, e de mais! Dou por tanto por suspeito tudo o que vou dizer sobre a materia.

A Cadea de Sines é uma casinhola terrea por baixo das casas da Camara. Tem uma divisão para mulheres, outra para homens.

Que moralidade ! !

Sois Povo e pobre ? — Imaginai-vos só, preso alli, devorado por insectos hediondos, famintos como vós, empestado pelos gazes mais pestilentes de excrementos repostos em fermentação activa, diariamente reforçada n'um poço cego, cujo respiradouro é o vosso ar de vida — n'uma tarimba nua com a unica roupa que possuis, esfarrapada pelo tempo e pela sarna, fetida e immunda — desfeito de fome e de sêde, transido de frio, a grenha hirsuta empastada de lixo e suor oleoso — o olhar ardente e profundo da miseria, a fiysionomia hetica, livida, esquallida, selvagem, indefinivel de urso e d'homem — as unhas acaireladas, aduncas quasi garras — as mãos crassas de malhas e ephelidas verdenegras das mais asquerosas excreções; o cancro da fome no estomago, a flamma da sede no sangue — a da vingança n'alma — e a noite que vem, que mais vos transe nas trevas, que vos apavorão e interissão — e o dia que vem

estampar-vos por Ceo apenas uma grade de luz frouxa no horror de vossa lobrega curujeira, e os mezes e os annos amaldiçoados. . . e o obolo esmolado á compaixão insultante, um mugido de feroz gratidão, pão e agua que minão. . . . Juntai a isto vossa mulher adorada, de bruços vil rameira, já sem pranto e sem pejo, porque a miseria devora lagrimas e vergonha, prostituida pelas tavernas e mangalaças, embebedando em agua ardente um resto de memoria — vossa filha a bem amada, se adulta, tambem infamada de lodo e crapula, se criança, semimorta aos baldões da populaça, mais feroz que os cães da rua, que a não mordem, que a lambem de dó: — vossa mãi velha idiota, que morreu de dôr e de fome. . . . .

Mudai o sexo e o horror duplica.

De noite eu tenho ouvido uma voz caritativa, que pede pelo amor de Deus um pedaço de pão para os presos — Para que? Era melhor matal-os.

« Experimentai vossos amigos na adversidade. » Pois um preso tem amigos! Homens mentirosos, vós bem sabeis que o infeliz só tem espectadores ou carrascos.

Qual era o vosso crime? Pensar a vosso modo em politica — ter pegado em meia onça de tabaco de contrabando.

Sois em fim livre.

Sem familia, que já não podeis amar, frio com os ultimos raios de vida, que vos vai desamparar, sem moral, sem fysico, ulcerado no corpo e n'alma, individado insoluvelmente, espectro, idiota ou tygre. . . Juizes! tremei do homem, que saia solto neste estado, e que sinta como eu!!!

Nunca vistes um preso? Chamais a este quadro mentira? — Chamai tambem mentira ao Sol e ao Ceo.

Leitores, quereis saber o que é a Cadea de Si-

nes? É um theatro como o são todas as nossas Cadêas, onde, de quando em quando, se representão varios actos desta tragedia de medonha verdade.

Se duvidais, dar-vos-hei nomes e datas (1).

MORAL DA POVOAÇÃO.

Debaixo deste ponto de vista os habitantes de Sines honrão o nome portuguez. O seu caracter moral é excellente. A todas as horas da noite saem d'aqui corticeiros e outros almocreves com dinheiro e ás vezes grossas quantias, e nunca um habitante deste Concelho lhes saiu á estrada. Não me consta que tenha havido a minima tentativa de roubo nocturno.

Ouvi dizer que ha annos se roubára não sei o quê d'uma Igreja. Isso não ficou claro, mas um Judeu ficou com as culpas. Apenas tenho ouvido raras vezes fallar d'alguma ratonice insignificante d'aves, fructos ou pastos.

As rixas são frequentes nos dias feriados, e, como é d'uso em maritimos, clamorosas e desbocadas; mas nunca sanguentas. Em vias de lingua não cedem ao melhor Algarvio, — nas de facto são uns cordeiros. A faca é d'uso geral, mas tão virgem de sangue como um punhal de theatro. A sua indole mansa iguala a sua lealdade no tracto. A escassez dos meios fal-os ás vezes tar-

(1) O meu amigo, o Illmo Sr. Dr. Mendes, offereceu-me o quadro criminal do Concelho. Agradeci, mas desacceitei a offerta por *trivial*. Certo viajante, perdido no deserto, ao avistar uma forca, exclamou: « Estou em terra de civilisados! » O leitor, ao vêr o tal quadro, exclamaria: « Estou em terra de barbaros!! »

dos em pagamentos; mas tarde ou cedo o que deve é satisfeito. Nesta parte os habitantes do campo são mais promptos.

Em geral os Algarvios são mais francos, mais generosos, mas mais *maliciosos*. O Alemtejo é mais economico, mais *agarrado*, mas mais candido. Sines está rigorosamente na transição entre uns e outros.

As mulheres (que não são feias nem bonitas) são affaveis, sinceras, e aceiadas — tem virtudes privadas, e são muito mais laboriosas que os homens.

Os marujos de Sines não tem comparação nenhuma com os do sul do Algarve em arrojo nautico. O seu patricio Vasco da Gama legou-lhes muito pouco do seu espirto aventureiro e intrepidez maritima.

Os pescadores de Setubal e Cesimbra são-lhes superiores.

Aqui não ha fanatismo. O nosso litoral quasi todo é desabusado. Sines é religioso e amigo de festas e vigilias, mas mais por folgança do que por devoção.

As frioleiras monacaes, as superstições das velhas eras dão-se mal com os ares do mar. Um mareante é um sceptico á vista d'um serrano. Um marujo e um soldado tem muitas feições semelhantes. E não pensem que o moral de Sines melhorou com as instituições liberaes. Sempre foi bom. D'aqui não saío um só preso no tempo de Dom Miguel, nem um só accusado, e Sines nunca foi *Miguelista!* O deportado, e o homisiado viveu aqui pacifico e bem quisto. A indole de Sines é benevolente. Denunciar é malfazer — um accusador é um esbirro. Homens rudemente sinceros nunca podem ser espiões.

Na revolução protocolisada ha dous annos, de differentes terras do Alemtejo se acolheu aqui gente de idéas oppostas ás que então dominavão. Nunca se desacatou ninguem. Naquelles tempos esta tolerancia era

honrosissima, *porque era natural*, porque não era nem podia ser calculada.

Tem-se dito que em Sines ha politica. É um *erro.* Sines tem o instincto popular, e é o que tem. Na minha opinião, Sines devia ser absolutista, porque não ha povoação em Portugal que tenha palpado menos vantagens constitucionaes.

Sines está em contacto com Melides, que lhe fica a 5 legoas, com Villa Nova de Milfontes na mesma distancia, com S. Thiago a 3, com o Cereal a 4.

Entre os habitantes de S. Thiago e de Sines ha um certo ciume villarejo. Sines é uma Villa humillima. S. Thiago uma Villa affidalgada. Ha um certo quê de aristocrata e de democrata neste *vis-à-vis*. Não ha odios sanguentos, nem indisposições farpadas. São amigos, mas ha entre uns e outros um espinho sensivel (1).

Não acontece o mesmo com os habitantes de Melides. Esta Aldea é irmã de Sines. É a mesma *bonhomia*: são dous parentes singellos, dous *bonancheirões* dados, que não disputão primazias, que se recebem pelo que são.

A linguagem que aqui se falla é a do Algarve com o accento alemtejano. A prosodia anda muitas vezes de rastos com barbarismos terriveis. A syntaxe não é tão insultada. O peccado maior e mais frequente é nos preteritos da 1.ª conjugação, assim como em Lisboa se pecca nos da 2.ª, e na substituição dos modos conjunctivo pelo indicativo. Nisto, como em tudo, « cá e lá más fadas ha ! » (2).

(1) Eu devo aqui declarar que sou amigo de muitas pessoas de S. Thiago, a quem devo muitos favores, muita cortezia e muita amisade.

(2) A povoação está profundamente sulcada por duas parcialidades criadas por indisposições particulares, e entretidas e atiçadas por intriguinhas de Sr.as Comadres. Nada direi a

---

Instrucção e meios de sua propagação.

Havia até ha pouco tempo (1) uma Escola regia de primeiras letras, cujo Professor em tres annos e dois mezes de exercicio recebeu seis mezes d'ordenado na importancia total de 33$800 rs. ! ! ! ! ! !

Nestas e n'outras miserias sem numero e sem nome, não ha Nação que compita comnosco em progresso. Nós somos os verdadeiros selvagens da Europa barbara ! E não seria difficil demonstrar (sem rhetorica) que o nosso estado moral ainda está mais degradado que o do selvagem. . .

A paciencia de Job tem sido até aqui proverbial entre os homens, mas Job é um Achilles impaciente diante d'um bom Lusitano. Eia pois! Continuemos nós como fieis e verdadeiros Portuguezes a darmos da nossa parte ao mundo esta exemplarissima e incredibilissima virtude ; e Deus, um dia cançado da nossa incançavel resignação, nos tratará em sua infinita bondade como ao santo varão da terra d'Hus : « et mortuus est senex, et plenus dierum ! »

A Escola já teve 42 discipulos n'alguns annos, n'outros 24, neste 22. O compendio era o de Monteverde.

este respeito para cumprir e guardar o preceito do Padre Appollo : « Inter utrumque tene. . . Vou contar uma anedocta ingleza para desenfastiar o leitor de taes latinorios. « Certo Lord apontou com a bengala para um réo e disse : — Na ponta da minha bengala está um grande criminoso. — *De que lado*, Mylord ? — perguntou o culpado. »

(1) O Profersor abandonou a Escola e foi ganhar a sua vida n'outra cousa. Não lhe pagavão !

Ha uma Escola particular frequentada por 5 alumnos. O que faz ao todo 27 do sexo masculino.

De meninas contão-se 4: n'ellas se ensina a ler, escrever e contar, sabe Deus como, e um pouco melhor a coser, bordar e marcar. São frequentadas por 30 discipulas.

Todos os meninos, que cursão as Escolas, são da Villa. Do *campo não ha nem um*!

A Villa e Termo, como já dissemos, tinha 2632 habitantes. Destes, incluindo os empregados do Tabaco e Alfandega (ao todo 13, todos extranhos á Villa), apenas saberão ler e escrever 238 pessoas d'ambos os sexos e de todas as idades, e destes ainda o maior numero apenas fará mal o seu nome.

De instrucção superior (não fallando nos tres Clerigos cujas habilitações são muito inferiores ás que se exigião no Algarve) apenas se conta um Bacharel em leis e dous Cirurgiões. Vê-se pois que de 100 pessoas sabem ler e escrever $9\frac{1}{3}$ (1).

Em 1842 o Sr. Gervasio Ferreira Rego, então aqui residente, instituiu um *Club* de entretenimento e leitura, que chegou a contar mediante uma tenuissima contribuição mensal, 30 socios, 50 volumes offerecidos e 2 jornaes assignados, a *Revolução de Septembro* e os

(1) Na Villa de Sines sabem ler e escrever:

Homens.	119
Rapazes	15
Mulheres	88
Raparigas	16
Somma	238

Entrando unicamente com a população da Villa póde-se dizer que de cada 100 sabem ler 15, ou de cada 6 1. Mas de 1500 pessoas do campo quantas sabem ler? Dez ou vinte?!!!

Pobres do Porto, e o *Diario do Governo* offerecido pelo então Governador Guerreiro, Militar tão infeliz como honrado, e que deixou aqui bem merecidas saudades. O *Club* hoje não tem jornal nenhum.

Uma *certa intolerancia politica*, que nunca honrará as pessoas que a tiverem, entendeu ha dous annos que rasgar jornaes d'opiniões contrarias era o melhor argumento da bondade das suas.

Na embriaguez do seu delirio *esqueceu-se* então, e tem-se esquecido depois muitas vezes, que

> « A livre idéa, que de Deus vem livre
> « E livre a Deus de si rasão *só* deve, »

Póde sim ser sopeada por algum tempo, mas nunca poderá ser *delida* pela força. *Esqueceu-se* que a força nunca provou rasão, e que o terror nunca venceu a fé, porque o espirito não póde ser violentado senão por Deus; *esqueceu-se* que o terror é como o sangue, que, *mais tarde ou mais cedo*, regressa ao coração d'onde partiu. O giro póde ser longo, mas a volta é certa.

> « Oh périsse à jamais l'affreuse politique
> « Qui prétend sur les cœurs un pouvoir despotique ! »

A politica intolerante é a maior das vesanias conhecidas. . .

> « Crimes and not creeds — actions and not opinions are
> « the subjects of human laws. »

O espirito não se rasga: a idéa não se espanca. A idéa é como a aura etherea; não ha mão que a apanhe, nem grilhão que a prenda. A esponja das crenças está na dextra da Rasão e do Tempo, não na ponta

acicalada das bayonetas, nem na virulencia de doestos caninos!!! (1)

Até ha pouco tempo era possivel ler em Sines, por assignaturas particulares, o *Evening-Mail*, o *London Illustrated*, a *Revolução de Septembro*, o *Patriota*, o *Baratissimo*, o *Diario do Governo*, o *Popular*, a *Epocha*, a *Revista Universal Lisbonense*, e o *Estandarte*. Hoje algumas destas assignaturas acabárão: no entanto as que restão, ainda são em maior numero do que as que existem em muitas das nossas Cidades.

Apesar de se conhecer bem qual era a deficiencia de elementos que aqui havia para a formação d'um theatro, teimou-se em armar um tablado, a que se deu esse nome para viver moribundo, e morrer inanido por falta de *actores*.

Forão despesas inutilisadas, que era melhor ter empregado na compra de livros.

Melhor sorte porém teve a Sociedade Philarmonica, que se organisou em 1846, recomposta ha pouco, e que conta 9 socios, que, para o tempo, não deixão de estar adiantados. Este progresso, se n'uma grande parte é devido á habilidade do Mestre, o Sr. Victorino, que é um bom musico e pianista, não o é em menos aos esforços e indisputavel talento do maior numero de socios, que em melhores circunstancias poderião chegar a ser muito bons artistas.

Terminaremos este capitulo satisfazendo uma divida. O Sr. Gervasio F. Rego, em quanto aqui existiu, contribuiu quanto poude para lançar no espirito dos habitantes da Villa todos os elementos de civilisação e cultura possiveis. Ausente, o Sr. Rego tem sempre mostrado a mais viva sympathia por Sines. E Sines, que

(1) Diz não sei que Romano: «etenim qui se metui volunt, à quibus metuentur, eosdem metuant ipsi *necesse est.*»

o viu communicativo, franco, generoso, desinteressado e honesto, conserva do Sr. Rego a mais saudosa memoria.

O Sr. Rego deve saber que a confissão espontanea da gratidão do beneficiado, é o maior orgulho da alma beneficente.

E os meus leitores devem tambem saber que os meus elogios são insuspeitos, porque eu sou pouco encomiasta, porque eu nem se quer tenho a honra de conhecer o Sr. Rego.

CONVIVENCIA E RECREIOS.

Nas terras pequenas vive-se, por assim dizer, uma vida de communidade. Sines nesta parte é uma Villa patriarchal. E ainda o foi mais, antes destas nossas desgraçadas dissenções politicas! . . .

Aqui todos se obsequeião mutuamente. O estranho é sempre o bem vindo. Ha pouco ciume natal. Se o recem-chegado é pacifico e benevolente, pertence á familia. Fica adoptado. Se é rixoso e sobranceiro, é uma existencia isolada. Por mais tempo que tenha de residencia, é sempre um estranho. Então vem a inevitavel *commèrage* contra elle — então vem as exaggerações e os encarecimentos de qualquer aresta, de um nada, com tanto que seja em seu desabono.

Tem peste, e carta çuja, põe-se de quarentena, e ás vezes injustamente. Mas uma excomunhão destas não custa a levantar, porque á mais insignificante prova de bondade da pessoa interdicta, mil vozes se erguem logo n'um momento em seu favor para se desmentirem a si mesmas n'um *passado* de mexeriquices.

De hinverno a vida é triste e solitaria. O local é

ventoso. O dia é deserto. Á noite cada um se senta ao seu lar.

Eu devo prevenir os meus leitores que eu gosto do lar. Fui creado na lareira. Nunca gostei de fogões estrangeiros nem das braseiras e bruxas da Beira.

O fogão é de certo muito confortavel, mas parece-me um pouco pretencioso, um pouco ceremoniatico e affidalgado. Inculca-se, é etiquetico.

A bruxa e a braseira são populares, mas nomadas. Acho ridiculo que uma familia se aqueça a um assador de castanhas ou a uma bacia de brasas, pés no estrado, roda symetrica.

A chaminé baixa cheira mais a povo. Acho alli um grupo mais completo. Tudo o que vive em casa está junto em bella desordem — recostado, sentado, deitado. O fogo crepita ou está em ala, o gato rebolca-se no borralho — as crianças escrevem na cinza, ou fazem fitas de brasas. — O cão resona ao pé do meio alqueire — a ceia ferve — o lar é loquotorio, sala, mesa e leito.

Aquelle fixo dá um certo ar de sanctuario á chaminé. Estão alli os Deuses Penates — arde alli o fogo sagrado da Vesta domestica. O atrio religioso, onde eu tambem já resei o *terço*, é o *rendez-vous* intimo da pequena assembléa. Allião-se aqui os contrarios. Este caseiro é mais poetico, e, perdoem-me, mais popular e mais lusitano.

Relevem-me esta mania provinciana.

Nos domingos e dias feriados, o povo ajunta-se de manhã na praça a tratar dos seus negocios. Á tarde passeia pelas ruas — estagna aos cantos, e faz amiudadas visitas aos numerosos templos do *Deus d'alegria do coração do pobre.*

Ahi grita-se — cantarola-se e sae-se alegrete entre as 9 e as 11. A conversa vem pegada de dentro.

Hogart e Van Ostade dizem o resto.

Devo porém confessàr, que o povo não é dado á embriaguez, nem é brigoso. Estou aqui ha dous annos, e ainda não vi um só ferimento perigoso. Qualquer desordem é facilmente accommodada.

De verão ha mais animação na Villa, especialmente d'Agosto a Novembro, pela concorrencia de gente que vem aos banhos.

Uma centena d'Alemtejanos e Alemtejanas, vem aqui annualmente apagar no mar os ardores do sertão. A maior parte por doença — poucos por *dandysmo.*

Chegão a armar-se na praia 20 barracas de banhistas. *Les baigneuses* em geral apresentão-se pela manhã a tomar os banhos *sans costume.* (1)

Cada uma veste a trapagem mais ruim que tem — e, a fallar a verdade, á entrada e saída d'agua dão de si uma vista muito pouco agradavel.

Sem uma roupagem bem folgada, por mais bella que seja uma mulher, hade saír do mar sempre feia com aquelle triste desenho, com aquelle passo embaraçado, com aquella estampa multicôr de trapos no corpo. A deusa da formosura, e o fidedigno Adamastor affirma que até a propria Thetis saírão nuas das aguas.

Eu posso asseverar aos meus curiosos leitores, que em despeito de toda a minha mais perspicaz attenção, nunca pude lobrigar sequer uma pollegada d'alvura no pé ou no cachaço d'uma das nossas Venus alemtejanas.

Estas senhoras sempre bem pregadas e refrescadas depois do banho, retirão para a Villa por uma estrada mais ingreme que a calçada da Gloria: repousão

(1) Ha muitas excepções a esta, como a todas as regras. Sines este anno foi visitada por numerosas senhoras, e cavalheiros — gente muito lusida da Provincia, de louçania, e *grande tom.* A Villa em si tambem dá pouco contigente para esta nota.

a meio caminho n'uma meia laranja, que diz para o mar, e recomeção a sua improba tarefa d'ascenção até chegarem a outro meio circulo, onde se sentão anhelantes e semi-mortas, repetindo pela millessima vez mil desabridas imprecações contra a innocente rocha, que não tem culpa de lhes não ter suavisado mais a subida. A maldita ladeira ! ! !

Deve-se comtudo confessar que, mesmo assim tal qual existe, está muitissimo mais disfarçada do que d'antes. Calçou-se o que era um carrilho alpestre, e *isto já é muito*.

Entre as pessoas costumadas a vir aqui tomar banhos, e que contribuírão generosamente para esse melhoramento, distingue-se o Sr. Coronel Moraes, de Beja, *banhista* certo e de data *immemorial*, que tambem tem cooperado para outras obras de reconhecida utilidade publica.

Os logares mais frequentados são os semi-circulos acima mencionados: o pontal, saliencia de rocha, que fecha a enseada pelo sul ; a Senhora das Sallas, que está ao poente da Villa ; a Silveira, onde estão umas aguas ferreas ; algumas fasendas de transito areiento, e os penedos sitos no principio do caminho, que leva á ribeira, que são o *belvedér* dos maritimos.

Nesses grandes *cantos plutonicos*, passão sentados, a maior parte da sua vida, os marujos de Sines. Que fazem elles ahi nesses bancos de *Lazzaronis?* Nada. Olham para o mar. Fazem o mesmo que os Lisbonenses na eterna pasmaceira da *Memoria*, no eterno Sodré, com a sua enfesada alamêda, no eterno Rocio, com a sua volta de nora, no eterno *Passeio*, com o seu triste esguicho ! ! !

Por S. João e S. Pedro, accendem aqui fogueiras de rosmaninho e alecrim, que são uma tristissima cópia das do Algarve. Quem viu uma noite de S. João

nessa Provincia, com seus ranchos gamenhos, com suas moças donosas, suas mil cartilhas, suas petulantes *bixininas*, seus terriveis buscapés, suas brigas de fogo, seus montes de alecrim, suas vastas fogueiras, valverdes, rodinhas, saltos, danças, cantos, alaridos, alcachofras, alguidares, ovos, banhos, meias noites fatidicas, passeios matinaes, etc., etc., está auctorisado, fallando de Sines, a empregar o superlativo de que acima usou.

Aqui não ha fogo solto. Canta-se, toca-se de roda dos mastros, e em turmas pelas ruas.

No dia de S. Pedro vão para a Ermida deste nome cantar e bailar 30 ou 40 moças, com outros tantos rapazes.

Lá se come, lá se brinca todo o dia.

Não é uma romaria, é um baile de roda aturado, estirado, incançavel, monotono. As letras e modas varião, enrouquecem os cantores, mas o compasso é quasi invariavel. Dura ás vezes quatro, seis horas a mesma cegarrega identica, nauseabunda.

No Algarve tudo é vivo, mechido e afandangado. Sente-se que gira ainda alli naquellas veias sangue moiro e arabe.

Aqui a dança popular é morosa, e somnolenta. Creio que a *paxorra* um dia fatigou-se, e veio a esta Villa dançar neste rythmo!

Mente a mythologia! Os cem olhos d'Argos não os adormeceu a flauta de Mercurio, mas um baile de roda de Sines!

Ha tambem de vez em quando algumas reuniões particulares, que menciono apenas, porque sobre ellas nada poderia dizer senão *d'outiva*.

Sines tem uma feição caracteristica, que se póde perfeitamente comprehender e resumir no anexim — « pobrete, mas alegrete. »

ESTABELECIMENTOS DE CORTIÇA.

Ha em Sines 3 estabelecimentos de côrcha, cujos Directores são Inglezes.

O principal é conhecido sob a firma de Biester Falcão & C.ª

Occupa 46 homens.

Ganhão por dia 240 rs.

Compra cortiça:

1.ª qualidade	— a 1$800 rs.	a arroba.
2.ª »	— a 500	»
Refugo	— a 100	»

(Toda a cortiça de Sines é bem reputada em Inglaterra. Val desde 50 até 10 £ por tonellada. Livre de direitos — *Diario do Governo,* 5 de Julho de 1849).

Decima do estabelecimento......... 59$902

Carregou em 1849 16 navios com 481½ toneladas inglezas.

O segundo estabelecimento é do Sr. Carlos Pidwell.

Emprega 14 homens a 240 rs. por dia.

Compra cortiça:

1.ª qualidade	— a 1$800 rs.	a arroba.
2.ª »	— a 500	»

Carregou 1 navio com 24 tonelladas e ¼.

Decima do estabelecimento.......... 5$500

O terceiro é do Sr. Thomaz Dryden.
Emprega 12 homens a 240 rs. por dia.
Compra cortiça:

1.ª qualidade	— a	1$800	rs. a arroba.
2.ª »	— a	500	»
Refugo	— a	100	»

Carregou em 1849 3 navios de 90 toneladas inglezas (de 2240 tbs.).

Decima do estabelecimento.......... 14$808

ALFANDEGA.

Subdelegação da de Setubal.

—1849.—

CONCELHO DE SINES.

Rendimento	745$371	991$861
Dito do Pescado.........	246$490	

Despesa certa e eventual.

Certa com 7 empregados do quadro	1:023$000
Dita com a renda da Alfandega e armazem..........................	20$000
Eventual..........................	10$920
Somma...	1:053$920

Repartição do Contracto do Tabaco e Sabão.

Producto da venda do Tabaco.........	2:553$775
Idem idem do Sabão..........	189$760

Despesa com a Fiscalisação.

Ordenados de 5 empregados..........	800$000

N. B. Por não estar completo o quadro dos empregados em 1849, a despesa é só de 971$632 rs.

Commercio do Porto de Sines com Paizes Estrangeiros.

Annos	Embarcações entradas — Nacionaes — Numeros	Embarcações entradas — Nacionaes — Procedencia	Embarcações entradas — Nacionaes — Numeros — Toneladas	Embarcações entradas — Nacionaes — Numeros — Tripulação	Embarcações entradas — Nacionaes — Numeros — Embarcações	Embarcações entradas — Inglezas — Procedencias	Embarcações entradas — Inglezas — Numeros — Toneladas	Embarcações entradas — Inglezas — Numeros — Tripulação	Embarcações saidas — Nacionaes — Destino	Embarcações saidas — Nacionaes — Numeros — Toneladas	Embarcações saidas — Nacionaes — Numeros — Tripulação	Embarcações saidas — Estrangeiras — Numeros — Embarcações	Embarcações saidas — Estrangeiras — Destino	Embarcações saidas — Estrangeiras — Numeros — Toneladas	Embarcações saidas — Estrangeiras — Numeros — Tripulação	Embarcações arribadas — Estrangeiras — Numeros	Embarcações arribadas — Estrangeiras — Toneladas	Embarcações arribadas — Estrangeiras — Tripulação	Commercio por importação — Esparto em rama — Quintaes	Commercio por importação — Cordas de esparto — Quintaes	Commercio por importação — Encommendas — Volumes	Commercio por importação — Valor total da importação	Commercio por exportação — Alcofas — Arrobas	Commercio por exportação — Cortiça — Quintaes	Commercio por exportação — Laranjas — Milheiros	Commercio por exportação — Vinho — Pipas	Commercio por exportação — Valor total da exportação
1844	2	Hespanha	65	26	19	Hespanha Inglaterra Portugal	1:827	112	Embarcações	"	"	19	Inglaterra	1:827	112	4	220	27	774	49	4	779$500	159	6:419	1:256	—$—	9:185$000
1845	2	Idem	80	25	18	Idem	1:997	122	Numero	"	"	13	Idem	1:997	122	11	883	122	749	115	16	1:565$000	100	8:603	466	11	10:497$000

Nota do Vice-Consulado Inglez, 1847 — 21 navios; 131 pessoas de tripulação; medindo 2115 toneladas inglezas; carregárão para differentes Portos de Inglaterra 8359 quintaes de cortiça, e 1318 caixas de laranja. — 1848: 21 navios; 133 pessoas de tripulação; 2107 toneladas inglezas; carregárão para differentes Portos de Inglaterra 8187 quintaes de cortiça, e 1805 caixas de laranja. — 1849: 25 navios; 155 possoas de tripulação; 2703 toneladas inglezas; carregárão para differentes Portos de Inglaterra 10,622 quintaes de cortiça, e 2856 caixas de laranja. Além desta exportação de cortiça, ha mais obra de 200 quintaes para os Portos do Reino, principalmente para Lisboa.

1848—1849.

Mappa do Producto, Consumo, Importação e Exportação.

Objectos.	Producto.		Consome.	Importa.	Exporta.	Observações.
	Pezos ou medidas.	Quantidades.				
Trigo	Moios	230	277	47	N. B.	Só se exporta o que se destina para pagamento de foros
Cevada A. branca	Idem	10	42½	32½	—$—	Idem
Milho	Idem	50	44	—$—	6	
Centeio	Idem	20	16	—$—	4	
Legumes	Fangas	235	247	12	—$—	
Batata	Arrobas	500	610	110	—$—	
Frutas	Não se podem calcular	—$—	—$—	—$—	—$—	
Peixe	Dinheiro	4.000$000	2:000$000	1:000$000	3:000$000	
Azeite de peixe	Alqueires	100	100	—$—	—$—	
Cera	Arrobas	70	10	—$—	60	As 10 arrobas do consumo são brancas
Mel	Alqueires	200	240	40	—$—	
Cal	Moios	300	420	120	—$—	
Coirama	Numero	70	—$—	—$—	70	Pelles de carneiro, etc., etc., são mais de 150
Vinho	Pipas de 26 almudes	260	270	10	—$—	
Aguardente	Idem	5	5	—$—	—$—	
Azeite d'oliva	Alqueires	50	1$000	950	—$—	
Tremoço	Idem	320	160	—$—	160	
Lenha	Carradas	Quanto?	Mais 4$500	—$—	—$—	A producção é invariavel
Carvão	Sacas	800	700	—$—	100	
Linho (pedras de 12 lib. com estopa	Pedras	800	820	20	—$—	As 20 importancias são de linho puro
Arroz	Arrobas	8$400	800	—$—	—$—	
Cortiça	Idem	4$000	—$—	—$—	—$—	
Pinhões	Moios	3	31½	30 alqueires	—$—	Pelo maximo
Limão	Milheiros	6	7	1	—$—	
Laranja	Idem	104	200	96	—$—	
Telha	Idem	20	—$—	—$—	—$—	
Madeira	Duzias	—$—	350	350	—$—	Pinho, castanho
Sal	Moios	—$—	320	400	80	
Chifres de boi	Numero	140	—$—	—$—	140	
Cebolas	Milheiros	20	50	30	—$—	
Cana	Idem	500	250	—$—	Pouca	A que resta do consumo fica pegada á terra
Mostarda	Arrobas	—$—	4	4	—$—	
Linhaça em grão	Alqueires	120	120	30	30	

Este mappa é o mais approximado possivel.

Commercio de cabotagem do Porto de Sines.

Annos a que pertence	Commercio por importação — Embarcações entradas — N.º das Embarcações	Embarcações entradas — N.º das Tonelagem	Embarcações entradas — N.º das Tripulações	Embarcações sahidas — N.º das Embarcações	Embarcações sahidas — N.º das Tonelagem	Embarcações sahidas — N.º das Tripulações	Embarcações arribadas — N.º das Embarcações	Embarcações arribadas — N.º das Tonelagem	Embarcações arribadas — N.º das Tripulações	Destino e procedencia das embarcações	Designação dos generos	Valor total da importação (*)	Commercio de exportação — Cereaes — Moios	Cereaes — Alqueires	Arroz — Arrobas	Boias — Milheiros	Carvão — Sacas	Casca — Arrobas	Cavalla — Milheiros	Cera — Arrobas	Feijão — Alqueires	Laranja — Milheiros	Rolha — Sacas	Sardinhas — Milheiros	Cortiça — Arrobos	Tremoços — Alqueires	Valor total da exportação (*)
1844	79	2:229	540	33	2:424	582	11	440	83	Portos do Reino	Da praça Encommendas	46:473$000	339	6	14:031	114	972	"	379	333	588	46	9	14	9:140	208	28:173$000
1845	63	1:851	394	91	1:859	609	12	556	109	Idem	Idem	47:073$000	320	41	18:294	70	941	2:500	228	538	40	10	18	563	1:200	1:260	30:913$000

(*) Estas verbas são na totalidade da exportação e importação, e comprehendem até os valores dos generos exportados e importados.

Peixes e mariscos, que eu conheço, ou que são aqui conhecidos.

Peixe Agulha — Essox bellone
Safio — Murœna ophis
Congro — Muræna conger
Urtiga ?
Abrotea — Gadus lota — Gade lote
Faneca — Gadus barbatus
Pescada — Gadus merlucius — Gade merlus
Bodião — Labrus bimaculatus — L. double tache
Peixe Cabra — Trigla cuculus — Trigle grondin
Ruivo ? — (aqui chamão-lhe Bilro)
Bêbedo ? (variedade mais rubra) — Trigla cataphracta
Marmello ? (Ruivo pequeno)
Cavalla — Scomber — Scomber — Scombre maquereau
Sarda ?
Pàmpano, pâmpalo — Zeus luna
Ouriços do mar ? — Echinus esculentus
Capatão — Capitão ?
Camarão ? — Camarus ?
Lagosta ?
Centóla ?
Caranguejo — Cancer astacus
Ostras — Ostra edulis
Lobagante ?
Roaz ?
Peixe pissa ?
Caramujo (burrié)
Tamboril — Lophius piscatorius — Lophie boudroie
Peixe anjo — Squalus squantina — S. ange
Spadarte — Xiphias gladius

Viola — Rhinobatus Raia — Raie rhinobate
Tintureiro — Squallus galleus — Squale milandre
Uja, uga — Raia pastinaca (tambem chamada Rato)
Verdeman?
Savelhas? (no Algarve, Sabogas) — Clupea alosa
Saima?
Requeime (no Algarve, Rascaço)
Bica — Ruellis communis
Lixa — Squalus centrina — Sq. humantin
Lapa?
Percevse? — Lepas pollicipes
Mexilhão — Mytilus edulis
Ameijoa (radiada) — Tellina virgata
Ameijoa (lingua gata) — Tellina lingua felis.
Busios (com vergões) — Buccinum vibex
Peixe aranha — Trachinus draco — Trachine vive
Atum — Scomber thymnus — Scomber thon
Borregata — Sciæna cirrosa — Perseque umbra
Safias
Sardinhas — Chupea spratus
Peixão, Pâxão?
Burrinho
Longueirão (no Algarve, Peixe Rei) — Callus dracunculus
Pota (lula grande) — Sepia
Chóco, Siba — Sepia officinarum
Lula (calamar) — Sepia Lnligo
Raia — Raia batis
Boto — Squalus cornúbicus — S. long-nez
Annequim — Squalus maximus
Ferreira — Sparus mormyrus — Spare morme
Pargo — Sparus
Patruça — Accipenser sturio.
Tubarão — Squalus carcharius — Le requin
Peixe Espada
Majuga (no Algarve, Petinga)

Abadejo?
Cavallo do mar?
Pescada *bicuda?*
Corveu (especie de Mugem pequeno)
Várias?
Voador — Trigla volitans
Caneja?
Gata?
Cornuda?
Patarroxa — Squalus catulus — Squale rousseatre
Cação — Squalus stellaris — Squale rochier
Peixe Gallo — Zeus faber (aqui, Alfaquim)
Peixe Prego — Squalus spinax — Squale sagre
Dourada — Sparus aurata
Peixe Martello (1) — Squalus Zigena — Sq. marteua
Tremelga — Raia Torpedo — Raie Torpille
Robalo — Perca Labrax
Serrajão?
Bonito?
Sargo — Scarus prirides
Salmonete? — Mullus barbatus — Le rouget
Mugem — Mugil cephalus
Caboz?
Boga?
Salema — Sparus salpa
Pôlvo — Sepia octopus
Picaxo — Perca fluvialis
Melga?
Toninha?
Albacóra
Cherne?
Mêro?
Boqueirão?

(1) Alguns tambem chamão *Cornuda* ao peixe Martello.

Chaputa ? — Stromatus paru — Stromatee paru
Chicharro do alto — Fusello
Dito pequeno — Carapau
Dito negrão — Azul
Dito francez
(Chicharro do alto, Dito pequeno, Dito negrão, Dito francez: Gasteroteus)
Dentão — Sparus dentex
Cachuxo — Sparus erythrinus — Spare paget
Corvina (Roncadores) — Coracinus maximus
Borregata (Corvina pequena)
Choupa — Sparus chromis — Spare marros
Enxôva — Scomber trachurus
Morca — Murœna hélena
Moreão (1)
Goraz — Sparus snaris
Garoupa — Trigla hirundo
Linguado — Pleuronectes solca — Sole commune
Vesugo ou Besugo — Sciana
Rodovalho — Pleuronectes maximus — Le Turbot
Tagana ?
Tainha ?
Fataça ?
(Tagana, Tainha, Fataça: Mugil cephalus)
Lamprêa — Petromyson marinus
Asevia ?

N. B. Peixes, moluscos, crustaceos, echinodermes, etc., vão postos sem ordem nesta lista ; porque não pertendemos escrever uma tabella systhmatica, mas só, e unicamente, dar uma noticia terminologica, tal qual, dos peixes e mariscos mais frequentes neste local. Todos sabem o estado miseravel dos nossos diccionarios em todos os ramos de historia natural.

Nas *Memorias* da nossa *defuncta* Academia, ha alguns apontamentos preciosos sobre os peixes das nossas

(1) É negro e não tem dentes.

costas e das do Brasil. Se esses apontamentos fossem aproveitados por algum talento laborioso, poderião ser de grande soccorro para a classificação scientifica da immensa riquesa ichtyologica e conchiologica, etc., do nosso longo litcral.

Na Flora estamos ao menos remediados, que ricos não; mas na Fauna de certo falta-nos tudo. Todos conhecem as lacunas e deficiencias da traducção do opusculo de Cuvier, unica cousa, que creio termos, de mais completo em zoologia.

Plantas, que eu conheço, ou são aqui conhecidas.

A

Abrotea — Asphodelus ramosus
Açafrão — Crocus sativus
Açafròa — Charthamus tinctorius
Acacia ? — Prunus spinosa
Agrião — Simymbrum nasturtium
Agrimonia — Agrimonia eupatoria
Aipo — Apium graveolens
Alcaçuz — Glycyrrhisa glabra
Alcar ?
Alecrim — Rosmarinum officinalis
Alfavaca de cobra — Parietaria officinalis
Alface hortense — Lactuca sativa
Alfarrobeira — Ceratonia siliqua
Alfeneiro — Ligustrum vulgare
Alfasema — Lavandula spica
Alga — Zostera marina
Alho sativo — Allium sativum

Alho porro — Allium porrum
Algodoeiro — Gossipium herbaceum
Aroeira — Pistaca Lentiscus
Almeirão — Chicorium intybus
Amendoeira — Amygdalus communis
Ameixieira — Prunus domestica
Amieiro — Betula alnus
Amoreira preta — Morus nigra
Amores perfeitos — Viola tricolor
Angelica dos jardins — Polyanthes tuberosa
Arroz — Orysa sativa
Arruda — Ruta graveolens
Artemisa vulgar — Artemisa vulgaris
Avea — Avena sativa
Avenca — Adianthum capillus Veneris
Asambujeiro ? — Olea europœa silvestris
Asedas — Rumex acetosa
Acelgas — Beta Vulgaris cicla
Asinheira — Quercus ilex
Alemo (choupo branco) — Populus alba
Açucena — Lilium candidum
Abobora menina — Cucurbita pepo
Arroz dos telhados — Sedum album
Althea — Althea officinalis

B

Baforeira ?
Batata redonda — Solanum tuberosum
Dita doce — Convolvulus batatas
Beldroega — Solanum melongena
Bolsa de Pastor ? — Thlaspi bursa pastoris
Borragem — Borago officinalis
Bredos — Amaranthus blitum
Brionia (norça) — Brionia dioica
Buglossa (lingua de boi)

Buxo — Buxum semper virens
Bananeira — Musa paradisiaca
Boas noites — Mirabilis jalapa
Bella dona — Atropa belladona
Bergamota — Citrus medica lima

C

Cravos (muitas vaaiedades) — Dianthus caryophilus
Couve — Brassica Olerácea
Coentros — Coriandrum sativum
Camarinhas ? — Empetrum album
Camelia (Rosa do Japão) — Camellia japonica
Cypreste — Cupressus semper virens
Choupo — Populus nigra
Castanha — Trapa natans (é a d'agua)
Cebolla — Allium cepa
Canna d'assucar — Saccharum officinale
Cevada — Hordeum vulgare
Centeio — Secale cereale
Cogumelo — Agaricus campestris
Canna — Arundo donax
Cebolla albarã — Scylla maritima
Cinoura hortense — Daucus sativus
Cardo corredor — Eringium campestre
Cardo santo — Centaurea benedicta
Carqueja — Genista tridentata
Celidonia — Chelidonium majus
Chicharos — Lathyrus sativus
Coralina — Coralina nodosa
Carrapateira — Ricinus communis
Çaragocinha ?
Cynoglossa — Cynoglossa officinalis
Cravos de defuncto — Tagetes patula
Conchelos — Cotyledon umbilicus

Chagas dos jardins — Trapeolum majus
Caracoleiro — Faseolus caracalla
Campainhas ? — Narcissum bulbocodium
Carapeteiro ?
Cardo bravo ?
Dito manso ? — Cynara dracunculus
Dito morto ? — Senecio vulgaris
Dito penteador ? — Dipsacus fullonum
Dito leiteiro ? — Leucacanta, Alba spina ?
Carrasqueiro ? — Quercus coccifera
Carriço ? Carex acuta arundo
Castanheiro ? — Fagus castanea maior
Cinoura brava — Daucus carotta
Centaurea menor (fel da terra)
Cerejeira — Prunus avium
Chicoria ? — Chicorium endevia crispa
Cidreira (arvore) — Citrus medica citra
Cisirão ? — (Sisarão sium sisarum)
Cominhos ? — Cyminum
Coroa de rei (meliloto)
Cravo de Tunes — (Othonna ?)
Crina (herva)
Çarça ? — Vide sylva
Cicuta ? — Conium maculatum
Centinodia (sempre noiva) — Polygonum aviculare

D

Damasqueiro — Prunus armeniaca
Dente de leão — Leontodon tarraxacum
Dormideira branca — Papaver somniferum album
Dita preta — Pap. somnif. nigrum
Doiradinha — Asplenium ceterach
Datura — Datura stramonium

E

Esporas — Delphinium ajacis
Espinafre — Spinacea oleracea
Espargo — Aspargus officinalis
Esteva — Cistus ladaniferum
Escabiosa — Escabiosa arvensis, e atro purpurea
Ervanços — (grãos de bico)
Ervilhaca — Vicia sativa (cieirão)
Ervilheira ordinaria — Pisum sativum
Estramonio — (datura)
Espadana — Gladiolus communis
Escalracho — Panicum dactylon
Enzinheira — (azinheira)
Escorcioneira — Scorzonera hispanica
Esponjeira — Rimosa farnesiana
Eupatoria — (agrimonia

F

Feijão ordinario — Phaseolus vulgaris
Fava — Vicia faba
Figueira — Ficus carica
Dita do inferno — (carrapateiro)
Funchum — Anethum fœnicolum
Freixo commum — Fraxinus excelsior
Flor de liz?
Feto macho? — Polypodium filix mas
Feto femea — Pteris aquilina
Fumaria — Fumaria officinalis
Fungão de lobo — Lycoperdon bovista, minor, etc.
Faia — Fagus sylxestris
Figueira da India — Cactus opuntia
Fragaria — Fragaria vesca

G

Grão de bico — Cicer arietinum
Gingeira — Prunus cerasus
Goivos — Cheirantus cheiri
Gyrasol — Helianthus annuus
Grama — Triticum repens
Golfãos — Nimphæa alba
Gilbarbeira — Ruscus aculeatus
Granza (ruiva)
Giesta? — Spartium scoparia: Genista

H

Hortelã — Mentha sativa
H. pimenta — Mentha piperita
Herva cidreira — Melissa officinalis
Hera — Hedera helix
Herva moira — Solanum nigrum
Dita dos callos — Sedum telephium
Dita crina — Ajuga genevensis
Dita doce — Pimpinella anysum
Dita prata (dos unheiros) — Illecebrum paronychia
Dita das sete sangrias — Lithospermum fructicosum
Hypericão — Hypericum perfoliatum
Dita babosa — Alloe?
Dita cavalheira — Galleum luteum
Dita santa (nicociana)

I

Jasmineiro — Jasminum officinale
Junco — Juncus acutus
Joio — Lolium temulum
Jarro — Arum maculatum

Juuça — Cyperus longa
Junquilho — Narcissus jonqnilla

L

Loureiro — Laurus nobilis
Linho — Linum usitatissimum
Losna — Artemisia absinthium
Limoeiro — Citrus medica limon
Laranjeira — Citrus aurantium
Limo — Conferva rivularis
Linho cultivado — Canabis sativa
Labaça — Rumex aquaticus
Legacão — Smilax aspera
Lingua de vaca — Anchusa officinalis
Lirio roxo — Iris biflora
Lirio dos valles — Convallaria majalis
Laranjeira aseda — Citrus vulgaris.

M

Manjerição — Ocymum minimum
Meimendro branco — Hyosciamus alba
Morangãos — (fragaria)
Maceira — Pyrus malus
Marmelleiro — Pyrus cydonia
Malvaisco — Althea off. . .
Malva — Malva sylvestris
Mostarda — Sinapis nigra et alba
Madre sylva — Lonicera caprifolium
Maravilha — Calendula officinalis
Melindres — Impatiens balsâmina
Mangerona — Origanum magerona
Malmequer — Caltha palutris
Melão — Cucumis melo

Melancia — Cucurbita citrullus
Milho — Zea mais
Martirios — Passiflora cærulca
Martruço — Lepidium sativum
Meliloto — Trifolium melilotus
Mandragora — Atropa mandrágora
Mentrasto — Mentha crispa ?
Murta — Myrtus communis
Marroio — Marrubium vulgare
Milfurada — (Hypericão)
Macella — Anacyclus aureus
Medronheiro — Aabulus unedo
Mosqueta ?

N

Nabo — Brassica napus
Norça — Brionia-alba dioica
Neveda — Melissa calamintha
Narciso — Narcissus tazella
Nogueira — Juglans regia

O

Oliveira — Olea europea
Ononis — (resta-boy)
Opunta — (figueira da India)
Ouregão — Origanum vulgare

P

Papoila ordinaria — Papaver rhœas
Parietaria — (alfavaca de cobra)
Perrexil ? — Chrilmum maritimum
Pecegueiro — Amygdalus persica

Pereira — Pyrus communis
Pepino — Cucumis sativus
Pepino de S. Gregorio — Momordica elaterium
Piteira dos vallados ? } Aloes
Piteira da India ? } Aloes
Piteira babosa } Aloes
Palmeira das vassouras — Chamærops humilis
Pilriteiro — Cratagus oxyacantha
Pulmonaria — Pulmonaria officinalis
Peonia — Pæonia officinalis
Pimpinella — Poterium sanguisorba
Pinheiro manso — Pinus pinea
Dito bravo — Pinus silvestris, maritima.
Perpetuas — Gomphrena globosa, Gnafalium, etc.
Pimenteiro — Capsicum annuum.
Piorno.
Poejos — Mentha pulegium

R

Roseira — (todas, ou quasi todas as variedades)
Rabano — Raphanus sativus
Ranunculo — (muitas variedades)
Rosmaninho — Lanvandula stæchas
Rosa — albardeira (peonia)
Romeira — Punica granatum
Rabaça ? — Sium lalif. . angustifolum
Resta boi — (Unha gata)
Ruiva dos tintureiros
Rosa do Japão — (camellia)
Rabanete — Raphanus minor

S

Salva — Salvia officinalis

Segurelha — Satureja hortensis
Salsa — Apium petroselinum
Sabugueiro — Sambucus nigra
Silva (çarça) — Rubus fruticosum
Sobreiro — Quercus suber
Salgueiro dos vimes — Salix viminalis
Saião — Sempervivum arborescens
Saponaria — Saponaria officinalis
Serralha — Sonchus oleracens
Sorveira — Sorbus domestica
Salepo — Orchis morio
Sumagre — Rhus coriaria
Sargaço do mar — Fucus vesiculosus, natans
Dito da terra?
Salgadeira? — Atriplex halymus
Saramago — Raphanus raphanistrum
Sempre noiva — Polygonum aviculare

T

Tabaco — Nicotiana tabacum
Tomateiro — Solanum lycopersicum
Trevo dos prados — Trifolium pratense
Trevo cheiroso — (corôa do rei)
Tremoço — Lupinus albus
Tabua — Typha latifolia
Trovisco — Dafne mesereum
Torga (urze) — Erica vulgaris
Trigo — Triticum æstivum, etc.
Tomilho — Thymus vulgaris
Tubara da terra — Licoperdon tuber
Tanchagem. . . — Plantago
Tamargueira — Tamarix gallica
Tarraxaco (dente de leão)

Tojo ? — Ullex europeus
Trepadeira ? — Convolvulus sepium

U

Urtiga — Urtica urens, dioica, etc.
Ulmeiro — Ulmus campestris
Urze (torga)
Unha gata (resta boi)

V

Verbasco — Verbascum thapsus
Videira — Vitis vinifera
Violeta — Viola odorata
Valeriana dos jardins — Valeriana plu
Verbena — Verbena officinalis.

Z

Zimbro — Juniperus communis (1).

---

(1) Deixo de apontar varios hydrophytos e outras plantas, que não conheço, nem são *aqui* conhecidas senão por termos genericos. No entretanto o leitor póde ver qual é a Flora d'um *Areal* por esta lista.

NOTA GEOLOGICA,

Que o Sr. Carlos Bonnet me fez o obsequio de transmittir quando a Commissão Geologico-Mineralogica aqui esteve.

As praias de Sines, do lado do norte, são calcareo modificado pelas rochas eruptivas, que existem no ponto extremo do cabo e da enseada, onde está edificada a Villa de Sines. Estas rochas são de *granito syenitico* e de *syenite amphibolico.* Na maior parte, o granito está decomposto.

Do lado do sul ha *schistos* em contacto com as mesmas rochas eruptivas, e por ellas modificados. Estes *schistos* vão tomando gradualmente o aspecto natural.

A parte superior dessas rochas está coberta por uma camada d'areia de mar, ou por uma camada horisontal de terreno *terciario* superior *subapennino.*

NOTA

Sobre a agricultura.

O Sr. Samuel Pidwell é um agronomo de não vulgares conhecimentos praticos, e de idéas largas e emprehendedoras. Eis-aqui resumidamente as suas idéas sobre o estado da agricultura deste Concelho (1):

A rotina cega é toda a sciencia do Lavrador de Sines. Todos os instrumentos agrarios são da data da Re Rustica. Não ha conhecimento nenhum dos estrumes mineraes, muito pouco dos animaes e vegetaes, nenhum da cultura alternada, do uso do nabo, betarraba, feno, fava, etc., etc., para sustento do gado e para estrumes. As construcções ruraes falhas de todos os quesitos recommendados desde Columella. Ignorancia absoluta dos bons methodos e melhoramentos ruraes.

O Sr. Samuel emprega na sua lavoura um arado escocez de James Small modificado. Usa de grades á ingleza para desterroar e semear; de ensinhos tirados por bois para ajuntar e arrancar hervas ruins; de curraes calçados com escoante e reservorio para as urinas; de estrumes liquidos, e já n'um anno dos maritimos com bom resultado; e da cal e outros estimulantes para adubo das terras, etc., etc.

Os trabalhadores de enxada são reputados pelo dito Sr. como optimos, tanto em relação ao trabalho, como aos instrumentos. Os cavadores das visinhanças de Lisboa perdem na comparação 50 p. c.

As terras em geral produzem seis sementes por

(1) O irmão deste Sr., Carlos Pidwell, é pessoa tambem de muitos conhecimentos, e muito talento e erudição.

Joaquim Julio Pereira de Carvalho, Membro da Commissão Geologico-Mineralogica.
Joaquim Mendonça, Sub-Delegado do Procurador Regio.
Joaquim Pires de Mattos, Director da Alfandega.
José Alexandre Madrugo, Lavrador.
José Albino, Vereador da Camara Municipal.
José Francisco da Gama Freixo, 1.° Cirurgião do Hospital d'Evora.
José de Campos d'Oliveira, ex-Professor d'ensino primario.
José Pedro da Silva.
José Quirino Thadeu d'Almeida, Cirurgião em Ourique.
Leocinio Augusto d'Ornellas, Proprietario da Villa de Sines.
Manoel Faria Pescador.
Manoel Joaquim de Sousa Gomes, Negociante.
Manoel de Sande.
Ponte e Horta, Membro da Commissão Geologico-Mineralogica.
Samuel Pidwell, Director e Socio do Estabelecimento = Biester, Falcão & C.ª
Thomaz Dryden, dono d'um nrmazem de cortiça.

N. B. Se omitto algum nome é por esquecimento. Todos estes Srs. me obsequiárão com a maior urbanidade.

INDICE.



